



Museu do **Amanhã**



INSTITUTO DE
DESENVOLVIMENTO
E GESTÃO



CULTURA

PESQUISA

amanhãs do Brasil

LONGEVIDADE E BEM-ESTAR



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Aguilaniu, Hugo

Pesquisa : amanhãs do Brasil : longevidade e bem-estar [livro eletrônico] : o que a idade significa para você? / [Hugo Aguilaniu, Davi Bonela, Taís Lima ; organização Museu do Amanhã]. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Museu do Amanhã/ Instituto de Desenvolvimento e Gestão - IDG, 2022.

PDF.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87551-09-8

1. Bem-estar - Aspectos sociais 2. Envelhecimento 3. Envelhecimento - Aspectos da saúde 4. Idosos - Aspectos sociais 5. Pesquisa qualitativa Metodologia I. Bonela, Davi. II. Lima, Taís. III. Museu do Amanhã. IV. Título.

22-138677 CDD-001.42

Índices para catálogo sistemático:

1. Pesquisa qualitativa : Metodologia 001.42

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária -

CRB-1/3129

amanhãs do Brasil

LONGEVIDADE E BEM-ESTAR

O que a idade significa para você?



Lei de Incentivo à
CULTURA

PATROCINADOR



PARCEIROS DO MUSEU DO AMANHÃ

PATROCINADOR MÁSTER



MANTENEDORES



CONCEPÇÃO



REALIZAÇÃO



PATROCINADORES



PARCEIRO ESTRATÉGICO




GESTÃO



REALIZAÇÃO





**“Na face do velho
as rugas são letras,
palavras escritas na carne,
abecedário do viver.”**

Conceição Evaristo



SUMÁRIO

1. PALAVRAS INICIAIS

Museu do Amanhã

Bruna Baffa, Diretora Geral do Museu do Amanhã

..... 11

2. PRINCIPAIS RESULTADOS

..... 17

3. AMANHÃS DO BRASIL: LONGEVIDADE E BEM-ESTAR

3.1. Porque investigar o que as pessoas pensam, sentem
e agem em relação ao envelhecimento?

3.2. Como a pesquisa foi realizada?

3.3. Quais são os temas abordados?

3.4. Quem participou?

3.5. Resultados da pesquisa

..... 29



"Envelhecer é algo contínuo. Significa a perda de algumas capacidades físicas e emocionais mas também o amadurecimento de expectativas e comportamentos."

(P. 69, 60 a 64 anos, residente no Rio de Janeiro, Capital)

"É celebrar os anos e as experiências vividas. É ter maturidade para fazer o que quiser sem se preocupar com a opinião dos outros."

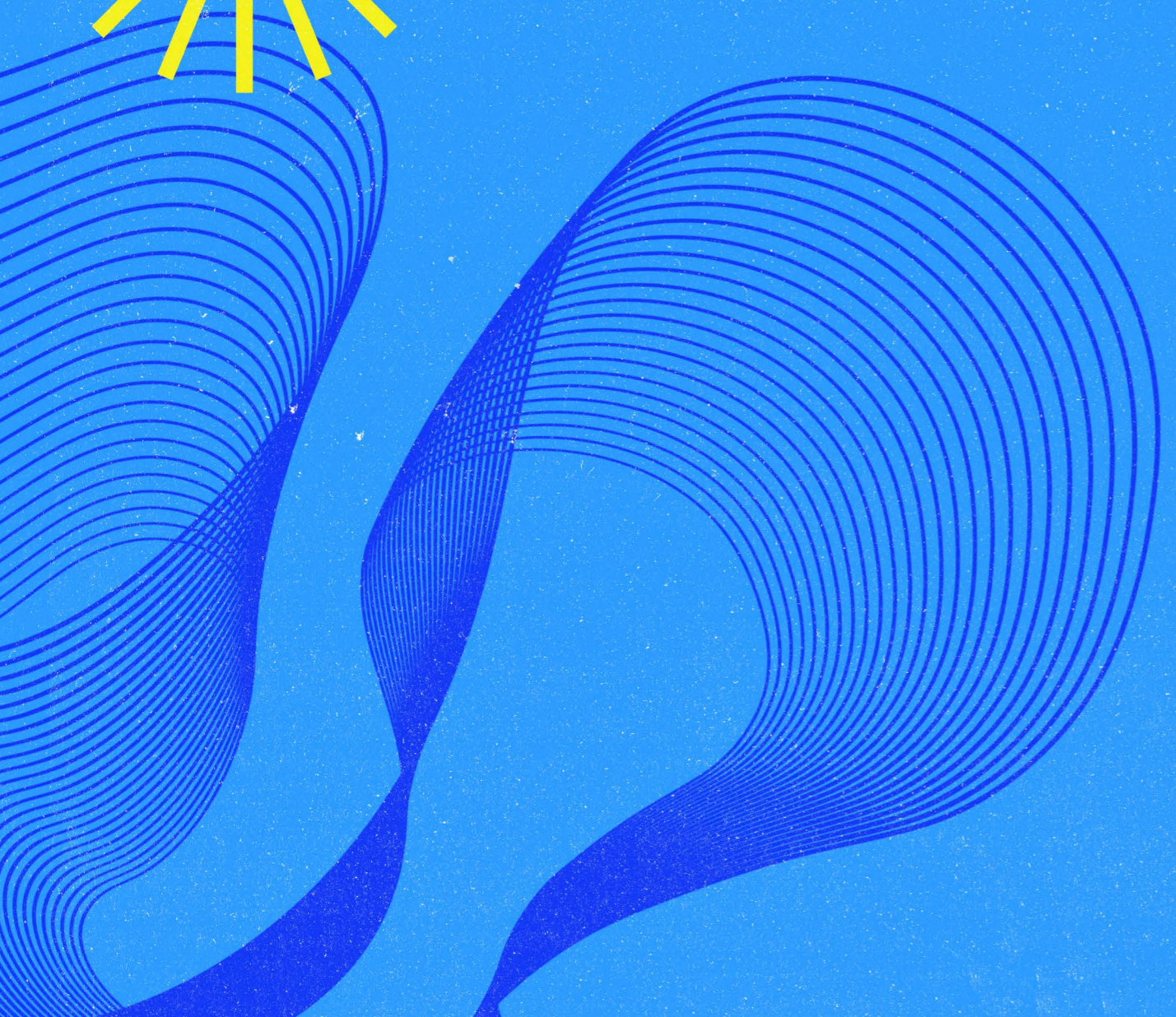
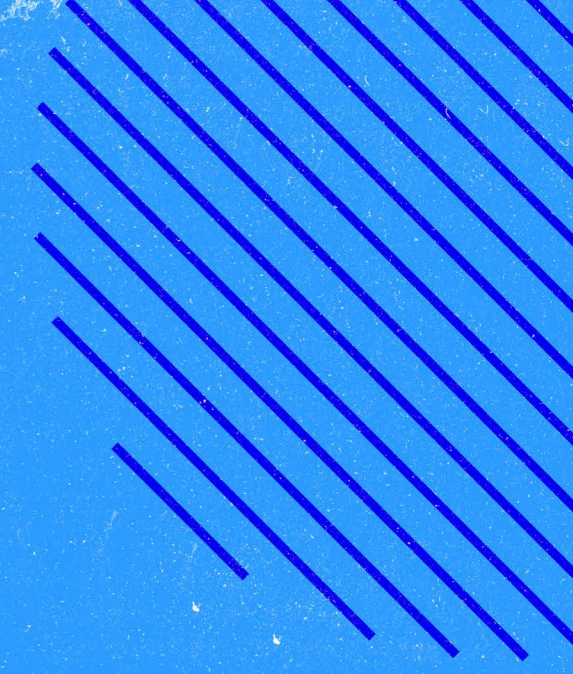
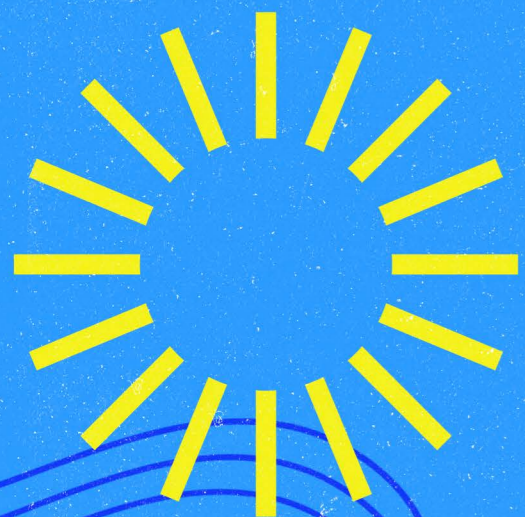
(P. 77, 40 a 44 anos, residente no Rio de Janeiro, Capital)

"É conhecer o máximo de tudo e desfrutar do que se é possível. envelhecer é conhecer. É aprender e reaprender, é se desconstruir, é chamar de lar uma vírgula do mundo e uma poeira do universo."


(P. 109, 20 a 24 anos, residente em São Luís de Montes Belos, Goiás)

"É jamais perder a vontade de sonhar, aprender e querer viver com qualidade de vida e atualizada."

(P. 133, 55 a 59 anos; residente em Santo André, São Paulo)



PALAVRAS INICIAIS



A expectativa de vida global vem aumentando ao longo do tempo. Em 1800, estava em torno de 25 anos. Atualmente, este número triplicou e deve chegar a 75 anos em 2030.

No Brasil, a situação é semelhante. Em julho deste ano, o IBGE 14,7% da população brasileira tem 60 anos ou mais, o que significa 35 milhões de pessoas. A partir de 2043, essa faixa etária passa a representar mais de um quarto de toda a nossa população.

É urgente que façamos uma leitura interpretativa desses números. O aumento da longevidade não constitui por si só uma garantia de vida plena na velhice. Para entender os anseios e preocupações da população brasileira em relação ao envelhecimento, e como este processo pode ser feito da maneira mais saudável possível, o Museu do Amanhã, com o patrocínio da EY, realizou a pesquisa Amanhãs do Brasil: longevidade e bem-estar.

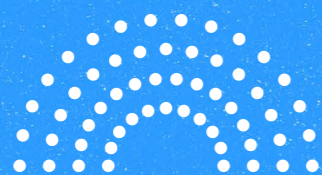
Durante os meses de outubro e novembro de 2022, sugerimos ao público do Museu uma reflexão sobre o avanço da idade e o envelhecimento, considerando os desafios e as oportunidades geradas a partir do aumento da expectativa de vida. Contamos com a participação de mais de 800 voluntários que responderam a um questionário com 43 perguntas.

Entre os temas abordados estão questões como o que é envelhecer; quais as prioridades para um bom envelhecimento; como o idoso é tratado no Brasil; e a participação do idoso na sociedade. Alguns pontos se destacam no resultado da nossa pesquisa: 55,3% dos visitantes afirmam que não concordam com a definição de que idoso é quem atinge os 60 anos de idade. Quando questionados se concordam ou não se os idosos daqui a 30 anos serão iguais aos de hoje, 83,7% das pessoas disseram que não, defendendo que o avanço na medicina, tecnologia e ciência proporcionará uma mudança neste perfil daqui a trinta anos. Para este mesmo público, ter boa saúde, estabilidade financeira e autonomia são as três principais prioridades para um bom envelhecimento.

Para colaborar com a coconstrução deste futuro desejado, o Museu do Amanhã se abre enquanto um ambiente de amplificação de debates. Aqui nos propomos a ser um local de discussão de temas estratégicos para novos caminhos, e entre esses temas está a garantia de um envelhecimento pleno, que cumpra com os compromissos da “Década do Envelhecimento Saudável” (2021-2030) proposta pela Organização Mundial de Saúde. Queremos amanhã com longevidade, mas, acima de tudo, queremos amanhã com mais saúde, bem-estar e qualidade de vida para todos, todas e todes.

Confira a seguir os dados completos desta pesquisa. Boa leitura!

Bruna Baffa
Diretora Geral do Museu do Amanhã



"Envelhecer é viver, é ter contato com mais pessoas, conhecer outras formas de pensar, ver nascer outras gerações, observar as mudanças na sociedade, é ter experiências para contar."

(P. 211, 30 a 34 anos, residente em Belo Horizonte, Minas Gerais)

"Passar por todas as etapas da vida, ou seja, é um privilégio que não é concedido a todos. Porém, é desafiante, pois vivemos a cultura e a tirania da juventude eterna."

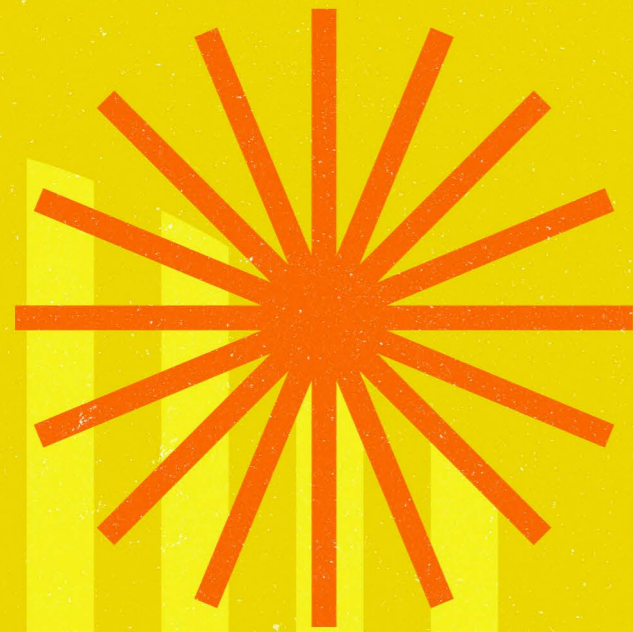
(P. 386, 55 a 59 anos, residente em Acari, Rio Grande do Norte)

"É viver, envelhecemos desde o 1º dia de vida."

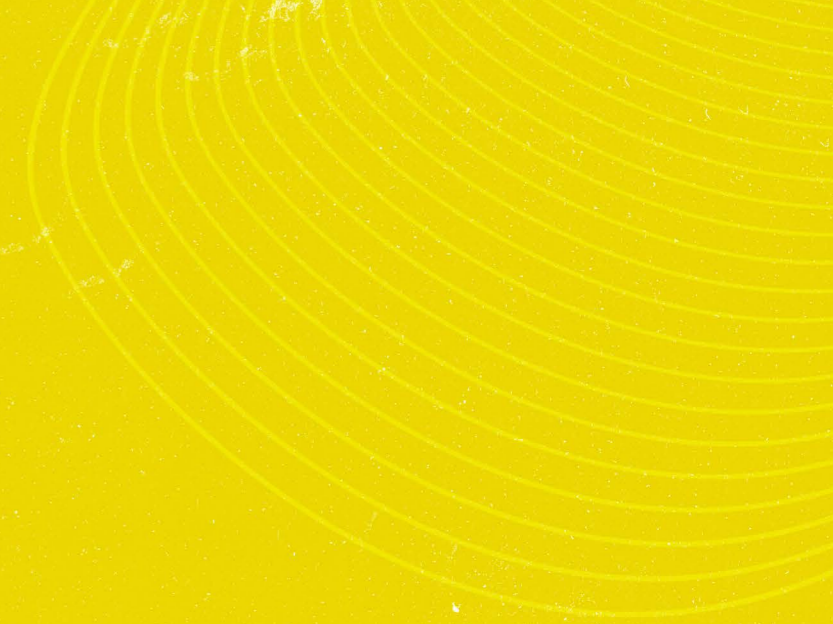
(P. 477, 40 a 44 anos, residente em São Paulo, Capital)

"Um sucesso. A sensação de que alcancei etapas da vida com prosperidade a ponto de seguir para a próxima. Mas essa trajetória pode trazer perdas no âmbito da saúde, da independência e da autonomia. Então, requer um bom planejamento."

(P. 222, 50 a 54 anos, residente no Rio de Janeiro, Capital)



PRINCIPAIS RESULTADOS





“Ao envelhecer, ao mesmo tempo que se ganha em maturidade mental se perde em disposição física. É um processo natural em termos biológicos mas que gera angústia por toda a carga social que impõe como o medo da morte, abandono, problemas de saúde, não se sentir útil etc.”

(P. 275, 35 a 39 anos, residente em Uberlândia, Minas Gerais)

A pesquisa Amanhãs do Brasil: longevidade e bem-estar estimulou o público do Museu do Amanhã a refletir sobre como pensa, sente e age em relação à idade e ao envelhecimento, considerando os desafios e as oportunidades para o aumento da expectativa de vida com saúde e bem-estar. Tendo o patrocínio da EY, esta pesquisa foi realizada entre os meses de outubro e novembro de 2022 com a participação voluntária de 823 visitantes do Museu do Amanhã, que responderam a um questionário de 43 perguntas. Residentes em 170 municípios de 24 estados das cinco regiões do país mais o Distrito Federal, esta amostra representa a percepção do público do Museu do Amanhã com uma margem de erro de 3% a um nível de confiança de 95%. Assim, representa as opiniões de mais de 5 milhões de pessoas que já visitaram o museu desde a sua inauguração em dezembro de 2015.

Não existe definição única sobre o que é envelhecer para o público do Museu do Amanhã. No entanto, a maioria das respostas apontam que envelhecer é um processo natural do ser humano, no qual se ganha experiências e limitações.

Através de uma pergunta aberta, os visitantes do Museu do Amanhã puderam definir o que é envelhecer em sua opinião, sem considerar que existe uma resposta certa ou errada para esta pergunta. Segundo uma parcela desse público, 14%, afirmou que envelhecer é um processo natural do corpo, seguido de ter, adquirir e acumular experiências (5,7%), amadurecer (5,3%), viver (1,9%) e aceitar as limitações do corpo (1,1%).

O público do Museu do Amanhã se divide em opinião sobre 60 anos ser a idade que torna a pessoa idosa. Uma ligeira maioria considera que esta idade está desatualizada, já que hoje em dia as pessoas estão vivendo mais e com melhor qualidade de vida, se mantendo ativas até atingir idades avançadas.

55,3% dos visitantes afirmam que não concordam com a definição de que idoso é a pessoa que atingiu os 60 anos de idade e 44,7% concordam com ela. Entre os que não concordam, a maioria defende que as pessoas com 60 anos não se sentem idosas. Já entre os que concordam, a maioria afirmou que é nesta idade que se iniciam os problemas de saúde relacionados ao envelhecimento.

Apesar do público do Museu do Amanhã não concordar com a idade de 60 anos para delimitar o início da vida como idoso, a maioria acredita que é entre 60 e 70 anos que a pessoa se torna idosa

41,3% do público apontou que é com idade entre 60 e 70 anos que alguém se torna idosa, 36,1% acredita que seja entre 70 e 80 anos, 13,7% com idade de 80 a 90 anos, 4,3% com 90 anos ou mais, 2,9% com 50 a 60 anos e 0,4% com menos de 50 anos.

Os visitantes do Museu do Amanhã afirmam que a idade é o principal fator para uma pessoa ser considerada idosa

Através de uma pergunta aberta, os visitantes puderam definir o que faz uma pessoa ser considerada idosa. Entre as palavras mais citadas estão a idade, seguida da aparência, dependência de outras pessoas e limitações.

Os visitantes do Museu do Amanhã acreditam que ser idoso muda ao longo das gerações. Para eles, tanto os idosos de 30 anos atrás quanto os idosos daqui a 30 anos serão diferentes dos idosos de hoje

O público pôde definir através de uma pergunta fechada se concordam ou não com a ideia de que os idosos de hoje no Brasil são iguais aos idosos de trinta anos atrás, podendo justificar posteriormente por que têm esta percepção em uma pergunta aberta. 96,7% acreditam que não são iguais, apontando principalmente que os idosos são pessoas mais ativas hoje do que eram antes. 1,5% concordam que os idosos de trinta anos atrás são iguais aos de hoje, e mencionam o fato de que os idosos destas gerações distintas mantiveram a mesma mentalidade. 1,8% disseram que não sabem, em sua maioria não justificando o porquê.

Em outra pergunta fechada, onde apontaram se concordam ou não se os idosos daqui a 30 anos serão iguais aos de hoje, 83,7% disseram que não, defendendo em sua maioria que o avanço na medicina, tecnologia e ciência proporcionará esta mudança no perfil dos idosos daqui a trinta anos. 1,2% concordam que os idosos daqui a trinta anos serão iguais aos de hoje e o fato de que os idosos irão enfrentar os mesmos problemas dos de hoje foi o motivo mais mencionado. Já 15,1% disseram que não sabem, e em sua maioria afirmaram não saber pois o futuro é incerto.

Segundo os visitantes do Museu do Amanhã, ter boa saúde, estabilidade financeira e autonomia são as três principais prioridades para um bom envelhecimento.

Em uma pergunta fechada, os visitantes definiram três prioridades para um bom envelhecimento. A principal é a boa saúde (95,7%), seguido de estabilidade financeira (81,5%), autonomia (54,8%), ter relacionamentos sólidos (36,6%), boa forma (25%) e outros (1,3%), como autoconhecimento, capacidade cognitiva e direitos socioambientais.

O público do Museu do Amanhã acredita que a forma como o idoso é tratado no Brasil influencia como ele vive

Em uma pergunta fechada, 90,9% do público afirma que a forma como o idoso é tratado no Brasil influencia como ele vive, 5,8% acredita que não e 3,3% disseram não saber.

Os idosos são menos valorizados do que o restante da população do Brasil na opinião dos visitantes do Museu do Amanhã

Em uma pergunta fechada, os visitantes apontaram como eles acreditam que uma pessoa idosa é tratada no Brasil. 87,1% disseram que menos valorizados, 5,6% tão valorizados quanto, 4,3% menos valorizados e 3% não souberam dizer.

Os idosos brasileiros que não vivem em comunidades tradicionais não têm suas histórias de vida valorizadas, ao contrário do que acontece entre aqueles que são indígenas ou quilombolas para o público do Museu do Amanhã

Em uma pergunta fechada, o público pôde apontar se eles acreditam que os idosos brasileiros que não vivem em comunidades indígenas ou quilombolas têm suas histórias de vida valorizadas, podendo justificar posteriormente suas ideias em uma pergunta aberta. 83,6% acreditam que as histórias de vida desses idosos não são valorizadas, em sua maioria justificando que os próprios idosos não são valorizados. 9,2% acham que elas são valorizadas, e que isso depende em sua maioria à cultura familiar a que este idoso está inserido. 7,2% disseram que não sabem, onde a maioria afirmou que isto varia para cada idoso.

A maioria do público do Museu do Amanhã acredita que a convivência de idosos com pessoas de outras idades é boa para eles

98,7% dos visitantes apontaram que a convivência de idosos com pessoas de outras idades é benéfica para eles.

Para os visitantes do Museu do Amanhã a principal prioridade do envelhecimento é a qualidade de vida

83,7% dos visitantes apontaram que querem viver mais e com qualidade de vida, seguido de viver menos, mas com melhor qualidade de vida (13,4%), viver mais independente da qualidade de vida (1%), não sabem (1,3%) e outros (1%), como viver o tempo que conseguir.

Não existe um consenso na opinião dos visitantes do Museu do Amanhã se existirá um limite para o tempo de vida dos seres humanos nas próximas décadas

39,4% do público acredita que não existirá um limite para o tempo de vida dos seres humanos nas próximas décadas, 33% acreditam que haverá um limite para ser vivido e 27,6% não sabem.

Na opinião do público do Museu do Amanhã, atividades como trabalho, estudo e lazer terão restrições médias que não o impedirá de realizá-las conforme envelhece

Através de perguntas fechadas, o público pôde apontar como acredita que se dará o seu processo de envelhecimento nos seguintes âmbitos: atividades como trabalho, estudo e lazer; a autonomia do que poderão fazer sozinho(a)s; o volume de atividades que conseguirão participar; qualidade de vida; como viverão; como será envelhecer; como será sua vitalidade e o pique; os relacionamentos com as pessoas; além do que sentem quando pensam sobre envelhecer.

Para o público:

- Atividades como trabalho, estudo e lazer serão possíveis de realizar com restrições;
- A autonomia do que poderá fazer sozinho será parcialmente perdida;
- O volume de atividades que conseguirá participar irá reduzir em parte;
- Nos anos que virão terá boa qualidade de vida em maior parte do tempo;
- Conforme envelhecer, viverá com algumas restrições;
- Envelhecer será bom;
- À medida que envelhecer perderá parte da vitalidade ou do pique;
- Os relacionamentos com as pessoas serão afetados em parte;
- Os visitantes em sua maioria não pensam sobre envelhecer.

A maioria dos visitantes do Museu do Amanhã com 60 anos ou mais se dividem entre se sentir com algumas limitações mas conseguindo viver com bem-estar ou se sentir melhor hoje do que quando eram mais jovens. Não se sentem velhos.

Em uma pergunta fechada, os visitantes com 60 anos ou mais puderam apontar como se sentem hoje. 50,6% afirmaram que se sentem idosos e com algumas limitações mas ainda assim, vivendo com bem-estar. 49% se sentem maduros, se sentindo melhor hoje, do que quando eram mais jovens. Apenas 0,4% deles disseram se sentir velhos, pois sentem limitações do que podem fazer atualmente, comparado a como era antes.

71,2% do público com 60 anos ou mais não se sente velho, a maioria justificando que ainda estão ativos. 25,5% se sentem velho às vezes porque às vezes o corpo não corresponde e 3,3% disseram que se sentem velhos porque sentem as limitações do corpo.

Para os visitantes do Museu do Amanhã com menos de 60 anos, eles se tornarão idosos com idades entre 60 e 70 anos e quando perderem a autonomia

Os visitantes com menos de 60 anos de idade puderam definir a idade em que eles acreditam que serão idosos. 36,6% disseram que isso ocorrerá quando eles tiverem entre 60 e 70 anos, seguido de 34,3% com idades entre 70 e 80 anos, 17,6% com 80 a 90 anos, 5,5% com 90 anos ou mais, 4,3% com 50 a 60 anos, 1,2% com menos de 50 anos e 0,5% não respondeu.

Em uma pergunta aberta, eles puderam descrever o que os fará acreditar que se tornaram idosos. A maioria afirmou ser quando perderem a autonomia, seguido da idade avançada e de quando não conseguirem realizar suas atividades. Na sequência ainda apresentaram que quando sentirem cansaço e também quando apresentarem limitações físicas, além da própria aparência física.

Os visitantes do Museu do Amanhã com menos de 60 anos têm boas expectativas para a sua velhice no futuro

Através de uma pergunta aberta, os visitantes com menos de 60 anos puderam definir como eles imaginam que será a sua velhice no futuro. A maioria das respostas menciona que eles esperam ser ativos, seguido de ter saúde e boa qualidade de vida.

Com opções relacionadas à saúde física, mental e financeira, o público do Museu do Amanhã com menos de 60 anos de idade definiu os cuidados com o corpo como principal prioridade

Podendo marcar várias opções, os visitantes puderam definir o que fazem hoje para ter uma velhice com saúde e bem-estar no futuro.

68,3% disseram que não fumam ou pararam de fumar, 65,9% praticam exercícios físicos regularmente, 58,6% não bebem bebidas alcoólicas em excesso, 56% mantêm uma rede de amigos, 54,7% fazem reservas de dinheiro, 52,4% consomem dieta equilibrada, 41,4% cuidam da aparência, 31,2% fazem suplementação de vitaminas e sais minerais e 4,3% outros, como estudar, ler e meditar.

Em uma pergunta aberta eles puderam descrever o que fazem hoje para ter uma velhice mais completa no futuro. Em geral, mais de uma ação foi mencionada, onde a prática de exercícios físicos foi a mais citada, seguida da alimentação saudável, cuidar da saúde, fazer reservas de dinheiro e manter relacionamentos saudáveis com amigos e família.

A principal preocupação entre o público do Museu do Amanhã com menos de 60 anos é a perda de força, mobilidade ou equilíbrio


Podendo marcar várias opções, o público com idades até 59 anos puderam apontar quais problemas de saúde relacionados à idade mais os preocupam. A perda de força, mobilidade ou equilíbrio foi apontada por 61,6% deles, seguido de problemas nos ossos ou dores nas articulações (57,4%), problemas cardíacos ou respiratórios (46,9%), alterações na visão ou na audição (46,4%), depressão ou ansiedade (34,3%), problemas circulatórios ou nos pés (26,9%), diminuição do ritmo (25,9%), alteração no peso (22,1%), problemas com o sono (14,8%) e outros (7,1%), como mal de Alzheimer, demência e câncer.



“Colecionar histórias e memórias. Quanto mais histórias temos com as pessoas que amamos, mais nós vivemos, portanto, mais envelhecemos. Envelhecer faz parte da vida. Uma parte boa.”

(P. 282, 20 a 24 anos, residente em Brasília, Distrito Federal)

amanhãs do Brasil



LONGEVIDADE E BEM-ESTAR

PESQUISA

• **HUGO AGUILANIU**

Integrante do Comitê Científico e de Saberes do Museu do Amanhã

• **DAVI BONELA**

Gerente de Desenvolvimento Científico e do Observatório do Museu do Amanhã

• **TAÍS LIMA**

Analista de Pesquisa de Público do Museu do Amanhã



“Envelhecer é uma dádiva. Presenciar tantos momentos diferentes do mundo e colecionar experiências.”

(P. 83, 25 a 29 anos, residente no Rio de Janeiro, Capital)

“Hoje me amedronta um pouco. Desde o momento em que conversei com o espelho e vejo as diferenças do ontem e do hoje. Prezo pela saúde física e mental. Faço caminhada, pilates, jogo vôlei adaptado e agora participo de grupos de trilhas. Quero continuar envelhecendo o melhor possível.”

(P. 27, 65 a 69 anos, residente em Campinas, São Paulo)

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial, uma vez que as pessoas com idade superior a 60 anos representam atualmente 14% da população global e chegarão a um quinto do total até 2050. Com o aumento da população idosa, aumenta também o desafio de assegurar que a longevidade seja acompanhada de saúde e bem-estar para todos. Comparado a outros países, no Brasil, o processo acelerado de envelhecimento que ocorreu nas últimas décadas faz deste um tema primordial para assegurarmos o futuro que queremos para o país.

De acordo com o relatório World Population Prospects 2022, produzido pelas Nações Unidas (ONU), o número de pessoas no Brasil com idade acima de 60 anos passou de dois milhões em 1950 para quatro milhões em 1965, oito milhões em 1983, 16 milhões em 2004 e 31,2 milhões em 2021¹, um aumento de 968% em pouco mais de 70 anos. Hoje, com mais de 210 milhões de habitantes, o Brasil possui cerca de 14% de sua população idosa. Em 2050, essa população pode chegar a mais de 65 milhões de idosos, cerca de 29% da população total do país.

Apesar das contribuições dos idosos para a sociedade ao longo de suas vidas, as atitudes negativas em relação a eles são comuns em todas as sociedades. Carregadas de estereótipos, preconceitos e discriminações, o etarismo segregava os idosos dentro de suas comunidades, reduz seu acesso a serviços, como saúde e assistência social, e limita a valorização dessas pessoas. Mais do que isso, o imaginário em torno do envelhecimento já não condiz com a realidade dessa população atualmente, que se mantém ativa e protagonista de sua própria história.

A partir disso, a Década do Envelhecimento Saudável 2021-2030, declarada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em dezembro de 2020², é a principal estratégia para alcançar e apoiar ações de construção de uma sociedade digna para todas as idades, em que as pessoas idosas estão no centro do plano, reunindo os esforços de governos, sociedade civil, agências internacionais, profissionais, academia, mídia e setor privado para melhorar a vida das pessoas idosas, de suas famílias e comunidades.

¹ United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2022). World Population Prospects: The 2022 Revision. Disponível em <<https://population.un.org/wpp/>>

² Organização Pan Americana da Saúde. Década do Envelhecimento Saudável nas Américas (2021-2030). Disponível em <<https://www.paho.org/pt/decada-do-envelhecimento-saudavel-nas-americas-2021-2030>>

3.1 E POR QUE INVESTIGAR COMO AS PESSOAS PENSAM, SENTEM E AGEM EM RELAÇÃO AO ENVELHECIMENTO?

O objetivo da Década do Envelhecimento Saudável é assegurar a qualidade de vida dos idosos por meio do fortalecimento da sua autonomia e de suas capacidades físicas e mentais, além da melhoria dos ambientes onde vivem e a forma como interagem com eles. Para isso, a ONU e a Organização Mundial da Saúde - OMS e no caso das Américas, a Organização Pan Americana da Saúde - OPAS, definiram quatro áreas de ação:



1. Mudar a forma como pensamos, sentimos e agimos com relação à idade e ao envelhecimento.



2. Garantir que as comunidades promovam as capacidades das pessoas idosas.



3. Entregar serviços de cuidados integrados e de atenção primária à saúde centrados na pessoa e adequados à pessoa idosa.



4. Propiciar o acesso a cuidados de longo prazo às pessoas idosas que necessitem.

Ao desafiar os estereótipos negativos, o preconceito e a discriminação, atividades específicas são necessárias para criar uma compreensão mais positiva e realista sobre a idade e o envelhecimento e um mundo para todos os grupos etários.

De acordo com as duas agências, para atingir este objetivo é recomendado que se aumente o número de pesquisas com foco no envelhecimento e sobre os desafios enfrentados por este processo, incluindo as soluções e direções promissoras necessárias para melhorar a saúde, a produtividade e a qualidade de vida.

E é buscando compreender como seu público enxerga a idade a partir do entendimento sobre a forma como pensa, sente e age com relação ao envelhecimento que o Museu do Amanhã desenvolveu a pesquisa Amanhãs do Brasil: longevidade e bem-estar. Por meio dela, o Museu apresenta as visões de como é envelhecer na opinião de 823 brasileiros e brasileiras vivendo em 24 estados, mais o Distrito Federal, além de 5 países. Ouvindo pessoas das cinco regiões do país, esta pesquisa tem a participação de moradores de grandes capitais, como, por exemplo, Brasília, Salvador, Curitiba, Manaus e São Paulo, onde vivem de 2 a 12,4 milhões de habitantes, e cidades pequenas, como Campestre da Serra, no Rio Grande do Sul, Santana do Riacho, em Minas Gerais e Acari, no Rio Grande do Norte, que têm entre 3 e 11 mil habitantes. Eles representam a opinião de mais de 5 milhões de visitantes do Museu do Amanhã, com uma margem de erro de 3% a um nível de confiança de 95%.

3.2. COMO A PESQUISA FOI REALIZADA?

Amanhã do Brasil: longevidade e bem-estar é uma pesquisa de natureza qualitativa e quantitativa composta por 43 perguntas abertas ou fechadas. Perguntas abertas são aquelas que permitem que os participantes respondam com as suas próprias palavras. Já as perguntas fechadas são aquelas em que os participantes são convidados a escolher uma ou mais opções entre um conjunto definido de respostas.

O recrutamento dos participantes foi feito via e-mail e redes sociais. As respostas foram coletadas e armazenadas por meio do software Typeform e as análises dos resultados foram feitas no Microsoft Excel.

A definição da amostra, a construção do questionário, a coleta e a análise dos dados foram conduzidas pela Gerência de Desenvolvimento Científico do IDG | Museu do Amanhã com a participação do pesquisador Hugo Aguilaniu, diretor-presidente do Instituto Serrapilheira, membro do Conselho Curador da agência de financiamento público do estado do Rio de Janeiro - FAPERJ - e do Comitê Científico e de Saberes do Museu do Amanhã.

3.3. QUAIS SÃO OS TEMAS ABORDADOS?

1. O que é envelhecer;
2. Quando e como alguém se torna idoso;
3. Idosos de diferentes épocas;
4. Prioridades para um bom envelhecimento;
5. Como os idosos são tratados no Brasil;
6. Processo de envelhecimento;
7. Futuro do envelhecimento.

QUEM PARTICIPOU

O público da pesquisa é formado exclusivamente por visitantes do Museu do Amanhã com 20 anos ou mais de idade. As categorias utilizadas para raça/cor, grupos de idade e renda são as utilizadas em estudos sociodemográficos do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e do IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

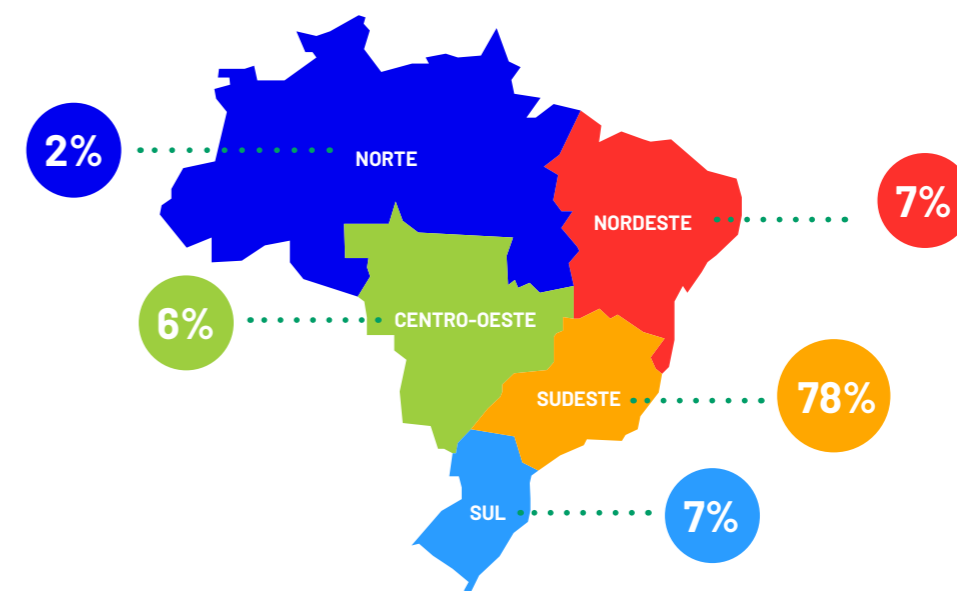
Onde mora



99% Brasil



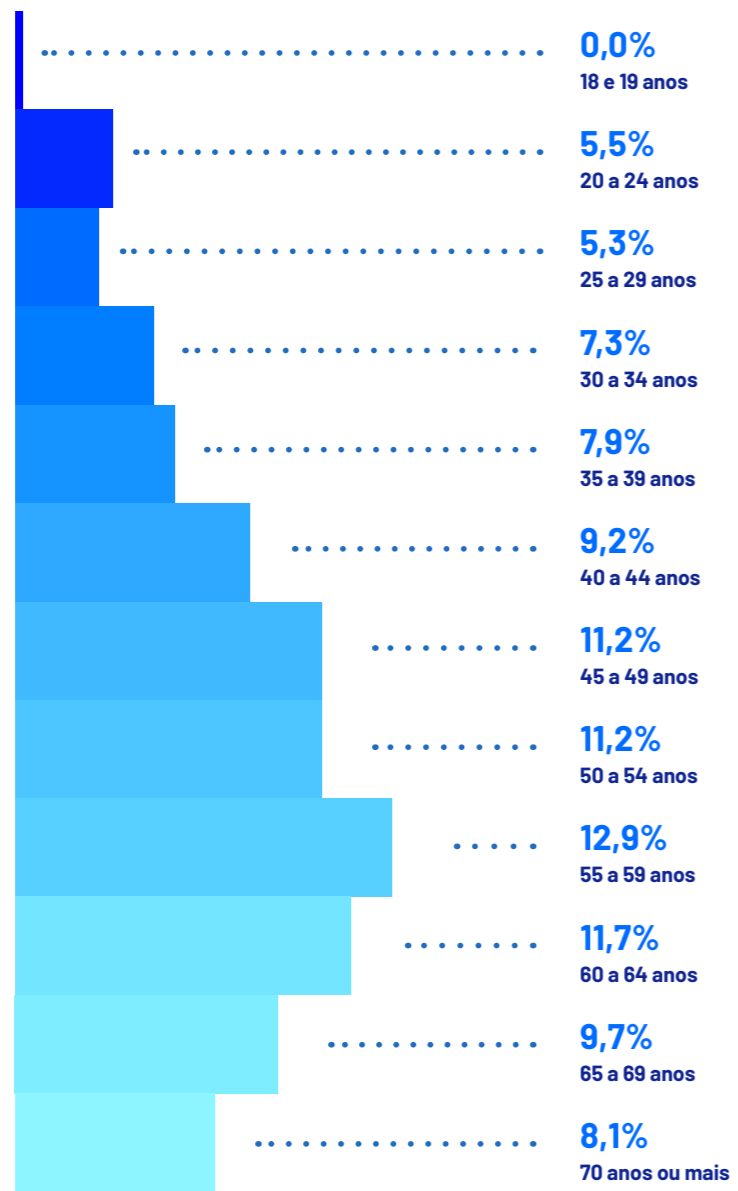
1% Fora do Brasil



Desse público, 99% residem no Brasil enquanto apenas 1% moram em outro país. Dentre os que moram em território brasileiro, eles vêm de 24 estados³ mais o Distrito Federal e de 170 municípios. 78% vêm da região Sudeste, onde 55% moram no estado do Rio de Janeiro, 7% da região Sul, 7% da região Nordeste, 6% no Centro-Oeste e 2% residem na região Norte. Entre os que moram em outros países, eles vêm da Alemanha, Argentina, Paraguai, Suíça e Uruguai.

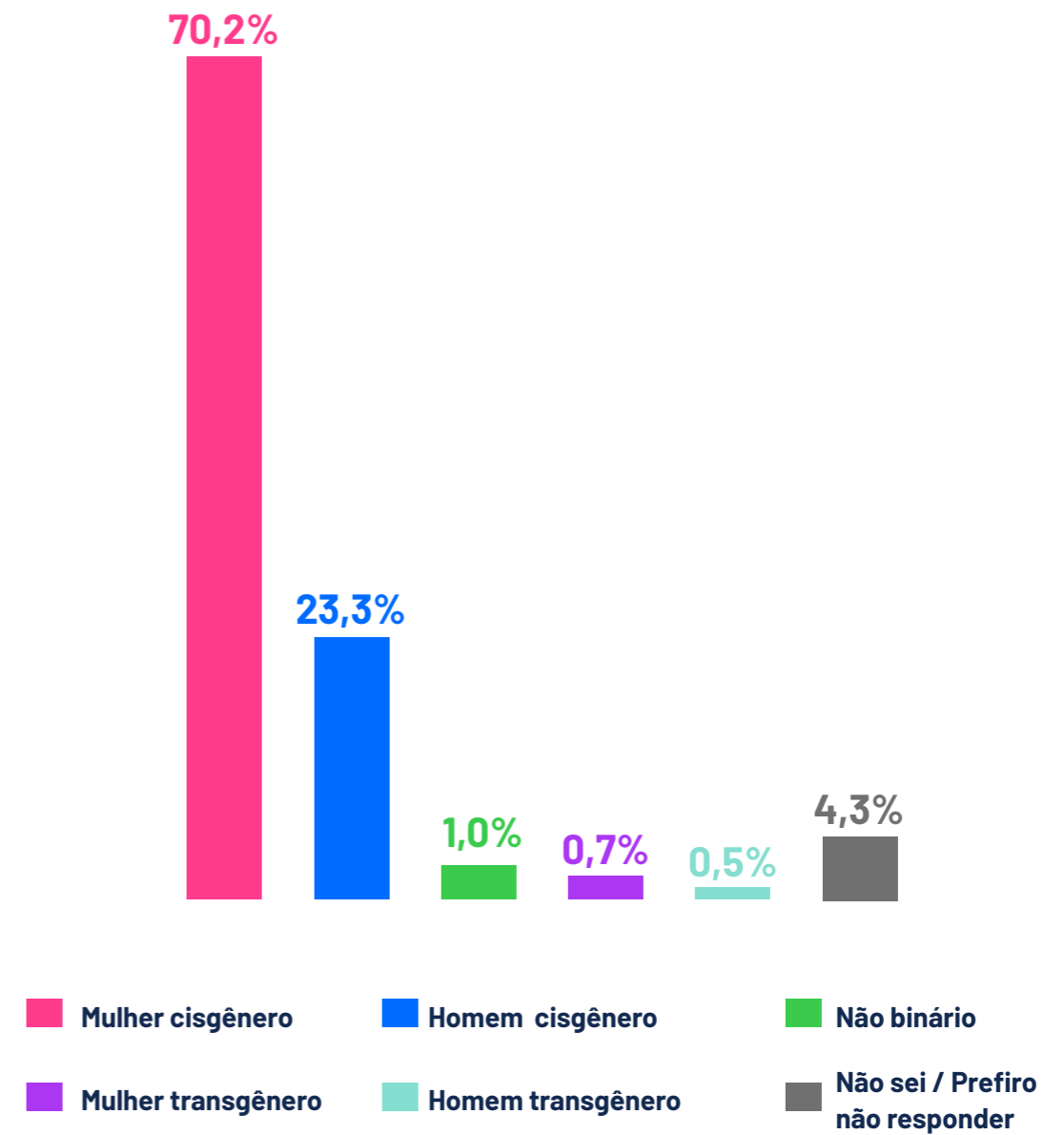
³ A pesquisa contou com a participação de residentes nos estados de Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe, Tocantins e não teve participantes moradores no estado do Acre e de Rondônia.

Idade segundo os grupos de idade



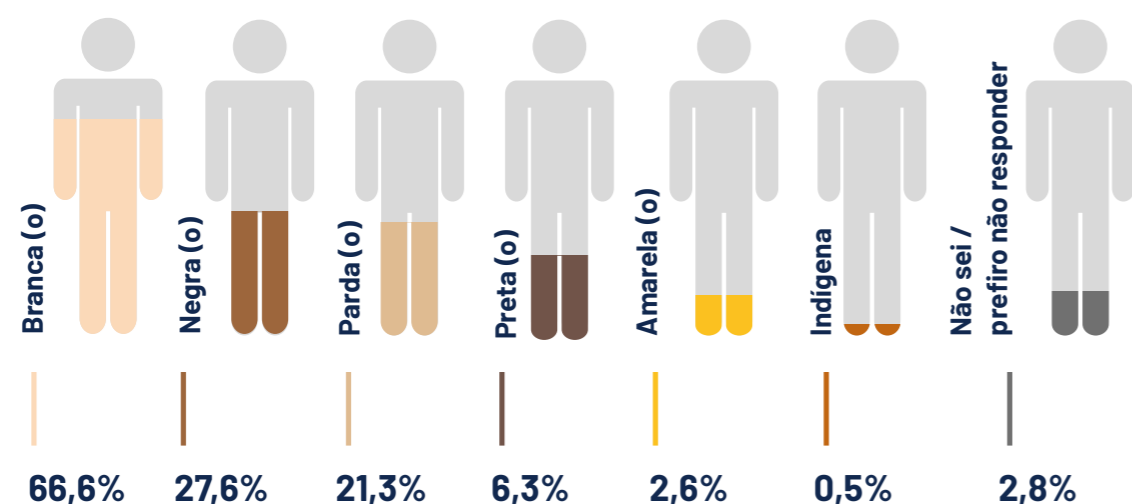
A divisão dos grupos de idade tem a seguinte proporção: 10,8% possuem entre 18 e 29 anos; 24,4% entre 30 e 44 anos; 35,3% entre 45 e 59 anos; e 29,5% com 60 anos ou mais.

Gênero



70,2% são mulheres cisgênero, 23,3% são homens cisgênero, 1% são não binários, 0,7% são mulheres transgênero, 0,5% é formado por homens transgênero e 4,3% não sabe ou preferiu não responder.

Raça ou cor



Em relação à auto identificação da cor, 66,6% se declararam brancas(os), 27,6% como negras(os)⁴, onde 21,3% são pardas(os) e 6,3% são pretas(os), 2,6% como amarelas(os). Aqueles que se auto identificaram como indígenas não chegam a 1% e 2,8% não sabem ou preferiram não responder.

⁴ De acordo com o Estatuto da Igualdade Racial Lei nº 12.288/2010, a população negra é definida como o conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga.

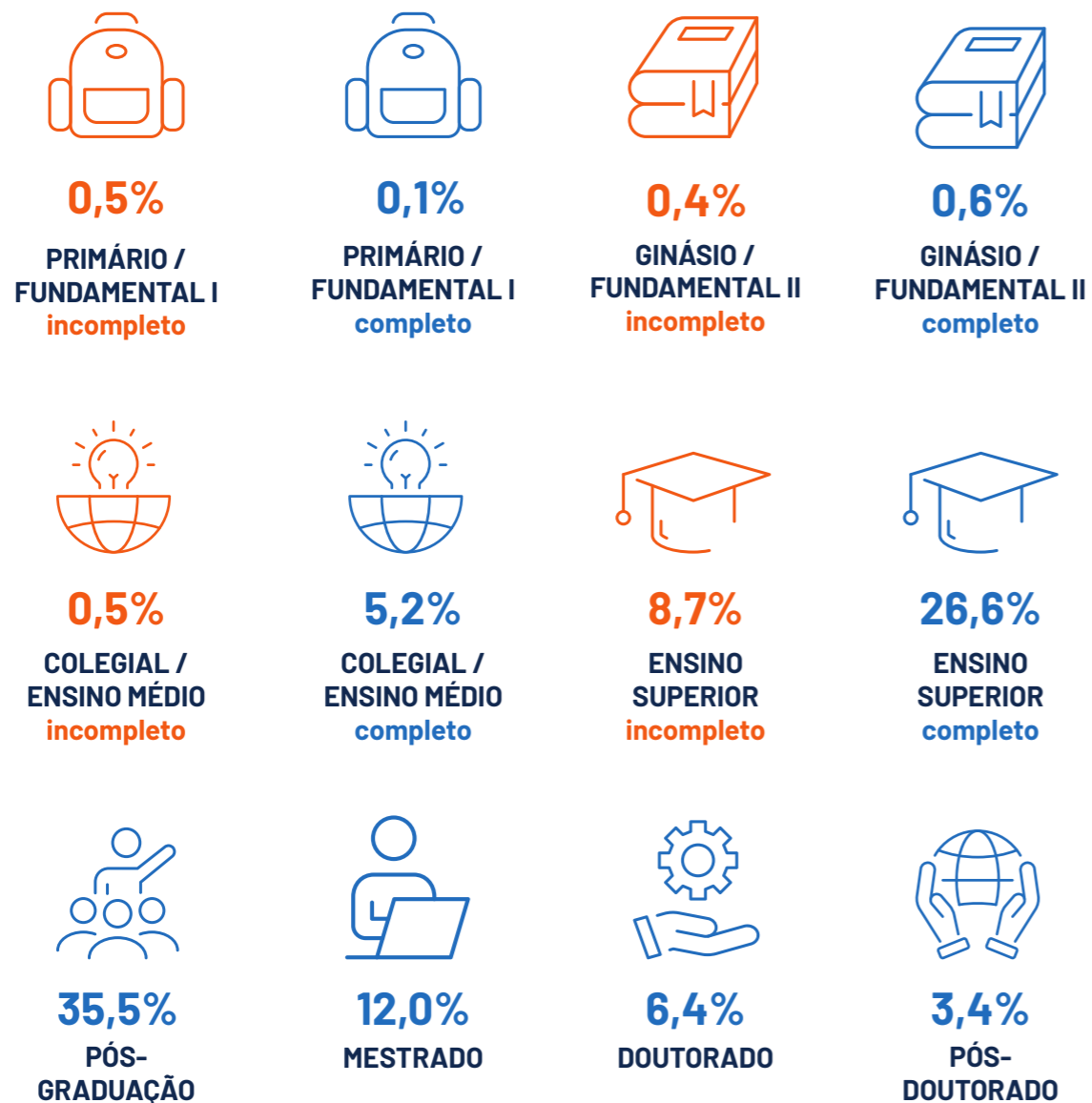
Renda em salários mínimos



Os rendimentos se concentram entre 3 e 20 salários mínimos⁵. Vemos que 7,9% ganham até 1 salário mínimo, 9,1% ganham entre 1 e 2 salários mínimos, 8,7% entre 2 e 3 salários mínimos, 15,2% entre 3 e 5 salários mínimos, 22,8% entre 5 e 10 salários mínimos, 17,4% entre 10 e 20 salários mínimos e 7% mais de 20 salários mínimos. Cabe ressaltar que uma parcela considerável dos participantes da pesquisa (11,8%) preferiu não informar seu rendimento.

⁵ O valor do salário mínimo de R\$1.212,00 foi definido pela Medida Provisória nº1.091/2021, assinada pela Presidência da República e publicada no DOU do dia 31 de janeiro de 2022.

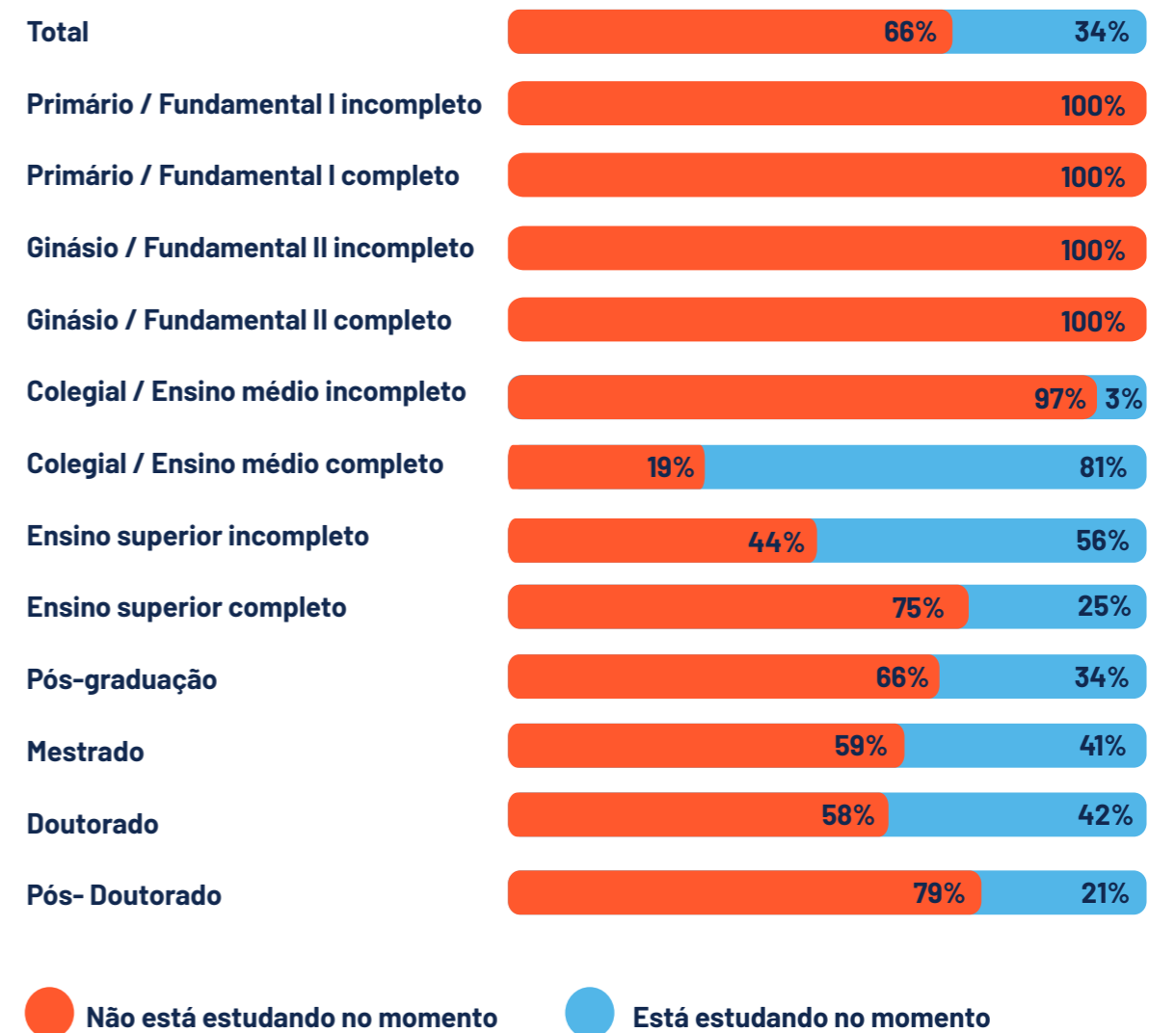
Escolaridade



A escolaridade se concentra entre os maiores níveis educacionais. 7,3% deles têm a educação básica (até o ensino médio completo), 35,3% possuem ensino superior incompleto ou completo e mais da metade, 57,3%, possuem pós-graduação ou maior nível educacional.

Escolaridade dos visitantes do Museu, segundo se estavam ou não estudando no momento da pesquisa

ESCOLARIDADE



Quando separamos quem ainda está estudando de quem não está mais, vemos que, com exceção dos que têm Ensino Médio completo e Ensino Superior incompleto, a maioria não estava estudando durante o período em que respondeu à pesquisa.

Está estudando / matriculado em alguma instituição de ensino no momento



33,7%



66,3%

33,7% estavam estudando e/ou matriculados em alguma instituição de ensino no momento da pesquisa, enquanto 66,3% não estavam estudando.

Trabalhou ou estagiou, durante pelo menos 1 hora, em alguma atividade remunerada



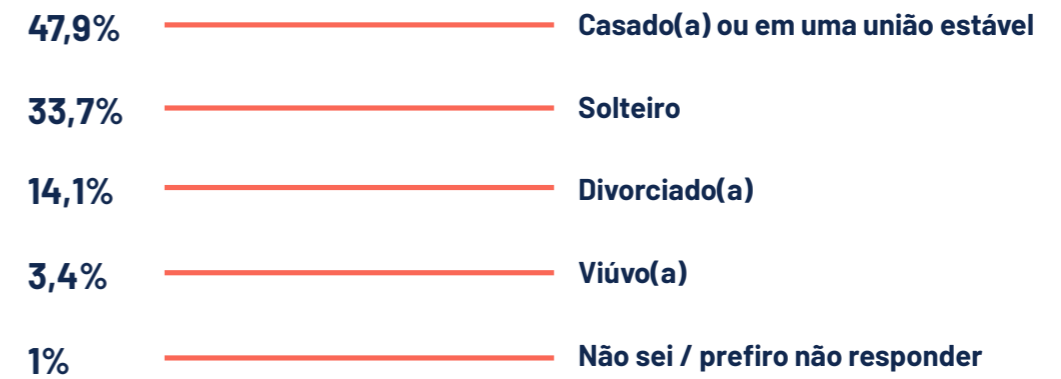
71,6%



28,4%

71,6% trabalharam ou estagiaram, durante pelo menos 1 hora, em alguma atividade remunerada nos últimos 30 dias, enquanto 28,4% não trabalharam no período.

Estado civil



47,9% estão casados(as) ou em uma união estável, 33,7% são solteiros(as), 14,1% são divorciados(as), 3,4% são viúvos(as) e 1% não sabe ou preferiu não responder.

Você tem filhos?



53,8%



46,2%

53,8% têm filhos e 46,2% não têm.



“Envelhecer se assemelha a um vento que sentimos, para muitos alívio e para outros preocupação. Entender que os anos vão se passando é essencial, mas o importante mesmo é qual efeito terá em nossas vidas.”

(P. 664, 20 a 24 anos, residente em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro)

“Colher os frutos de uma trajetória de vida, aprendendo com a experiência vivida e valorizando os laços de afeto. Preocupar-se com o futuro das novas gerações”

(P. 626, 65 a 69 anos, residente em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul)

“A cada dia é uma nova experiência. Se envelheço é porque existe vida dentro de mim. Envelhecer é ter mais tempo para aprender, é ter mais tempo para ensinar e compartilhar. Envelhecer é a maior dinâmica da vida.”

(P. 338, 60 a 64 anos, residente em Niterói, Rio de Janeiro)

“É a evolução natural da vida. Nascemos, crescemos e morremos. É necessário para a continuidade da sociedade.”

(P. 185, 20 a 24 anos, residente em Niterói, Rio de Janeiro)



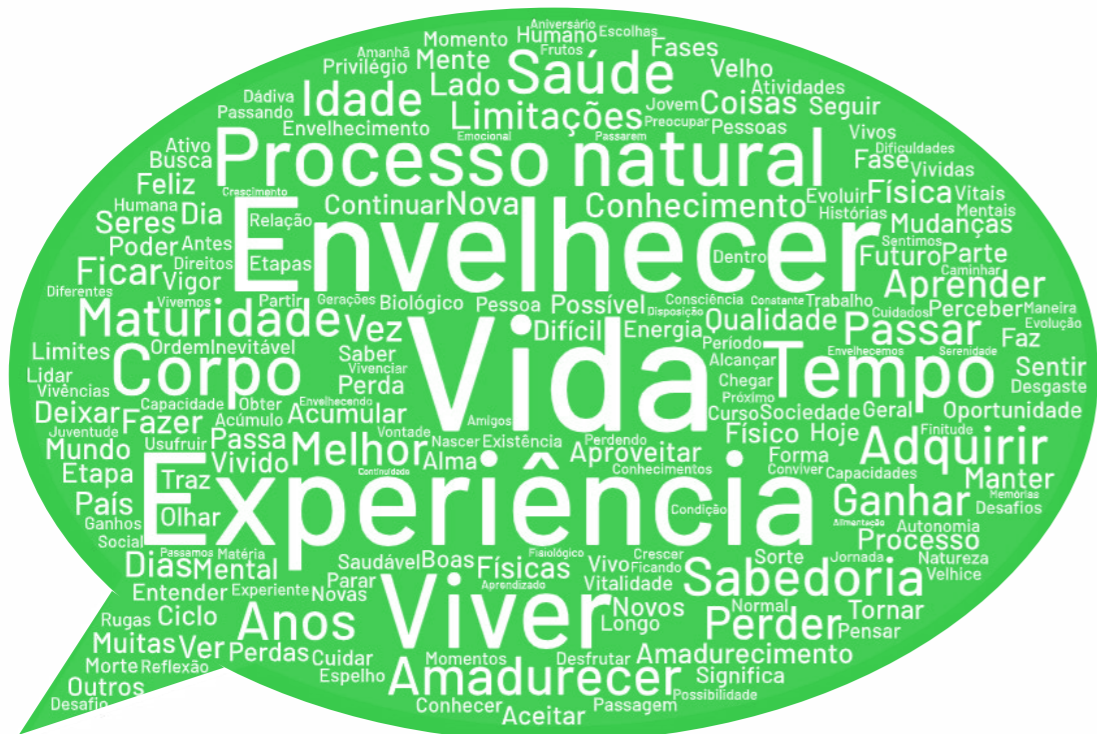
RESULTADOS DA PESQUISA

A pesquisa está dividida em quatro etapas. Na primeira, os visitantes são convidados a definir o que pensam sobre a idade e o processo de envelhecimento. Já na segunda, eles são convidados a responder como enxergam o processo de envelhecimento. Na terceira etapa da pesquisa, os visitantes com menos de 60 anos de idade puderam apresentar como agem em relação à idade e ao envelhecimento. Por fim, a última etapa traz questões sociodemográficas já apresentadas anteriormente na pesquisa.

Para você, o que é envelhecer?

Em uma pergunta aberta, os visitantes do Museu do Amanhã puderam definir com suas próprias palavras o que é envelhecer para eles. Embora não tenha havido um consenso para esta definição, algumas percepções foram mais citadas.

14% do público afirmou que envelhecer é um processo natural do corpo, seguido de ter, adquirir e acumular experiências (5,7%), amadurecer (5,3%), viver (1,9%) e aceitar as limitações do corpo (1,1%). Cabe ressaltar que esta visão do envelhecimento como um processo natural também é predominante entre os visitantes de diferentes faixas etárias, seja entre quem tem menos de 60 anos ou tem 60 anos de idade ou mais.



“Envelhecer é ter contato mais próximo com a finitude da vida. É se preocupar com coisas com as quais você não se preocupava tanto antes, como manter uma alimentação mais saudável, ter um sono de qualidade, colocar o corpo em movimento, enfim, cuidar melhor da saúde física e mental. É preferir qualidade à quantidade. É aprender a dar valor à simplicidade. E também ficar angustiada com o custo de vida quando se aposentar.”

(P. 314, 45 a 49 anos, residente no Rio de Janeiro, Capital)

“Envelhecer pode ser viver ou existir. Conforme o tempo passa a vida também passa, amadurecemos, vivemos experiências boas e ruins, somamos acontecimentos às nossas vidas. Não significa que tenhamos vivido, podemos só ter existido no mundo, quem decide isso somos nós mesmos, se aproveitamos ou não o percurso.”

(P. 11, 20 a 24 anos, residente em Porto Alegre, Rio Grande do Sul)

“Envelhecer é aprendizado constante sobre a vida, o que é viver e o que se quer viver. É momento de sermos mais generosos conosco. Nos sentimos mais responsáveis e somos mais autênticos com as nossas escolhas. Sentimos a urgência e a serenidade que a proximidade com a finitude traz.”

(P. 121, 50 a 54 anos, residente em Porto Alegre, Rio Grande do Sul)

“Envelhecer é um processo natural do ser humano e você pode escolher envelhecer de maneira saudável, se exercitando e sendo ativa ou escolher ser sedentária. As pessoas que optam por envelhecer de maneira saudável possuem extrema qualidade de vida e normalmente não aparentam ter a idade que têm.”

(P. 53, 30 a 34 anos, residente em Fortaleza, Ceará)

“É entender que o corpo tem seu tempo, porém com uma vida digna, saúde cuidada, estímulos externos como amigos, atividades, participação comunitária, vida social o envelhecimento é saudável e inerente à condição humana.”

(P. 116, 60 a 64 anos, residente no Rio de Janeiro, Capital)

**Idoso é a pessoa que atingiu os 60 anos de idade.
Você concorda? Por quê?**



44,7%



55,3%

55,3% dos visitantes do Museu do Amanhã não concordam que pessoas que atingiram os 60 anos de idade são idosas.

Quando separamos as respostas de acordo com a idade dos visitantes, vemos que entre os mais jovens a ideia de que quem possui 60 anos é idoso está mais presente do que a ideia de que quem possui 60 anos não é idoso. Já entre quem tem 40 anos ou mais, a parcela dos que acreditam que quem tem 60 anos não é idoso é maior.

MENOS DE 40 ANOS



58,1%



41,9%

40 ANOS OU MAIS



40,2%

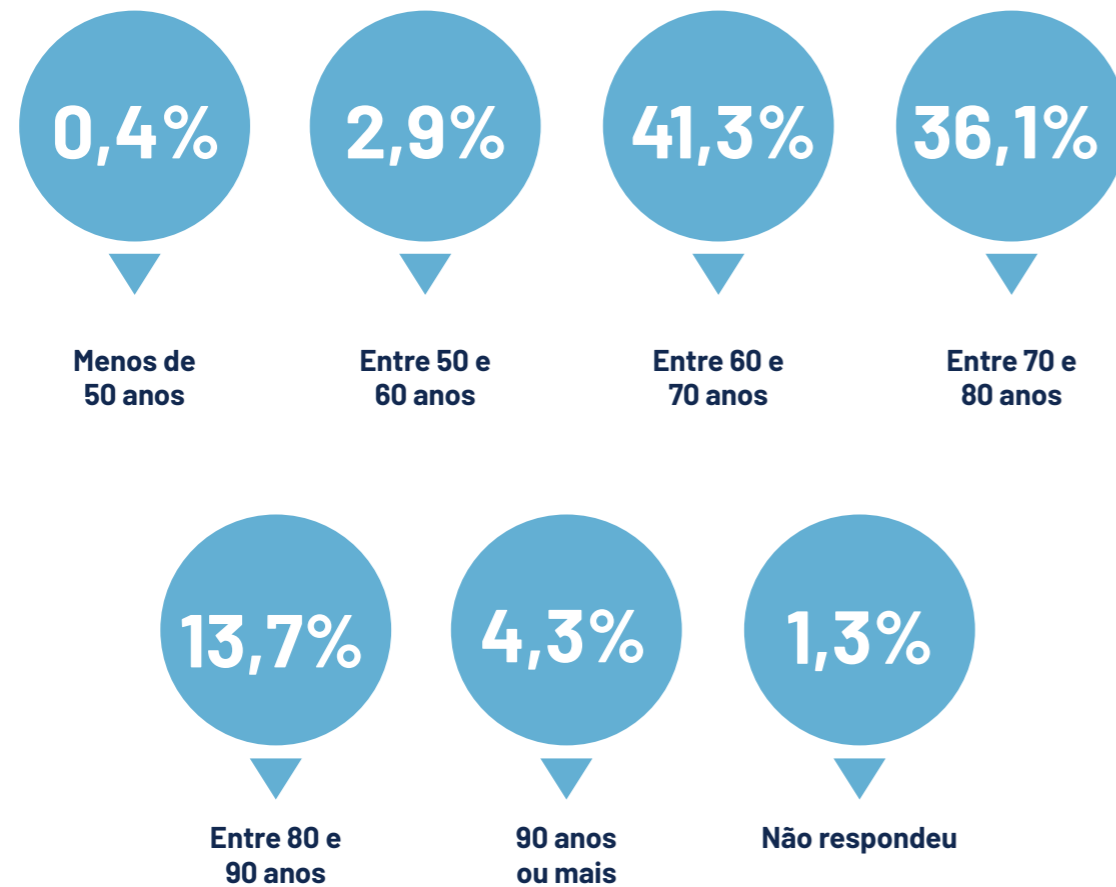


59,8%

Em uma pergunta aberta, os visitantes puderam justificar por que eles concordam ou não com esta definição de que quem atingiu os 60 anos é idoso. Entre os 55,3% que não concordam com esta definição, a maioria afirmou que pessoas com 60 anos não se sentem idosas, seguido de que a dinâmica do envelhecimento mudou hoje e que depende de cada pessoa.

Entre os 44,7% que concordam com esta definição, a maioria afirmou que é nesta idade que se iniciam os problemas de saúde, seguido de que é uma classificação que deve existir e que com esta idade a maioria das pessoas já trabalhou muito na vida.

Com qual idade uma pessoa se torna idosa?



Se na pergunta anterior, a maioria dos visitantes não concordaram que quem atingiu os 60 anos de idade deve ser considerado idoso, quando perguntados 'Com qual idade uma pessoa se torna idosa?', a maioria, 41,3%, afirma que isso ocorre quando se tem entre 60 e 70 anos, 36,1% quando tem entre 70 e 80 anos, 13,7% quando tem entre 80 e 90 anos, 4,3% com 90 anos ou mais é que se torna idoso, 2,9% entre 50 e 60 anos e 0,4% com menos de 50 anos. 1,3% dos visitantes não responderam à esta pergunta.'

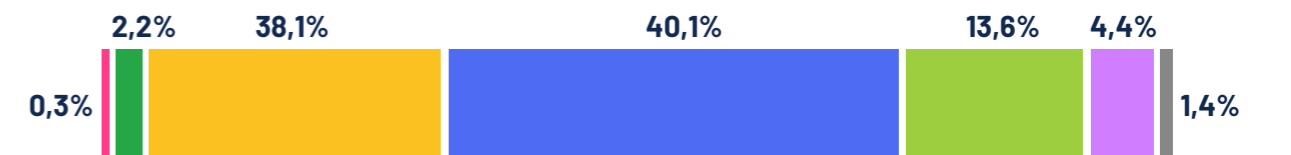
Quando separamos as respostas de acordo com a idade dos visitantes, vemos que para uma pequena maioria, que possui idades entre 40 e 60 anos, as pessoas se tornam idosas entre 70 e 80 anos. Já uma outra parcela, com um maior número de jovens mas apresentando também pessoas mais velhas, concorda que é entre os 60 e 70 anos que alguém se torna idoso.

Com que idade uma pessoa se torna idosa segundo grupos de idade

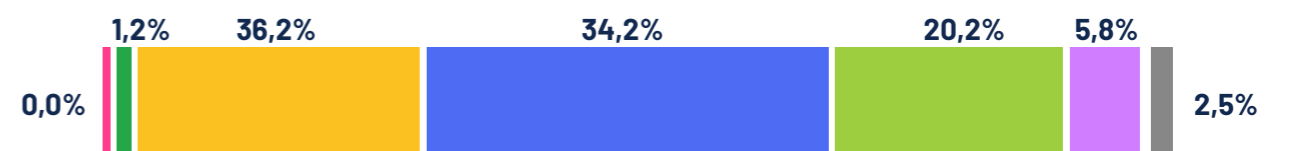
MENOS DE 40 ANOS



40 A 59 ANOS

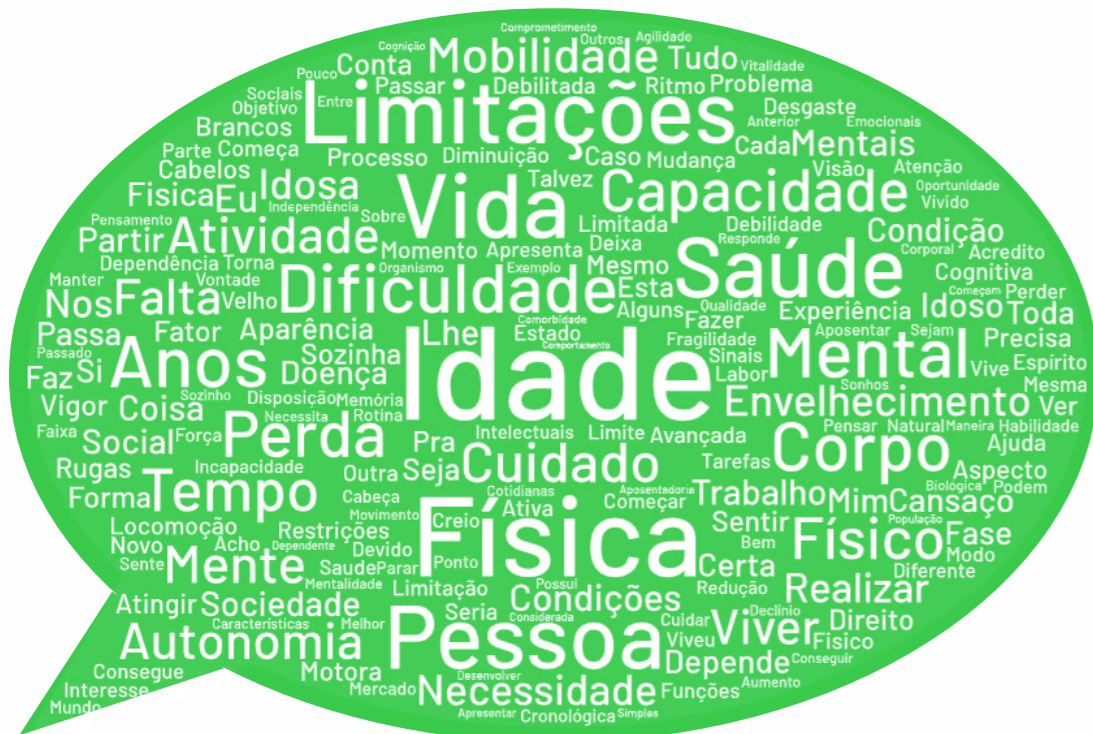


60 ANOS OU MAIS



O que faz uma pessoa ser considerada idosa?

Através de uma pergunta aberta, os visitantes do Museu do Amanhã puderam definir o que faz uma pessoa ser considerada idosa. Entre as palavras mais citadas estão a idade, seguida da aparência, dependência de outras pessoas e limitações.



“A idade, já que são raros os casos de pessoas que possuem corpo e mente saudáveis após os 60 anos.”

(P. 35, 55 a 59 anos, residente em Maringá, Paraná)



“Primeiramente o estado de espírito, a pessoa tem que se achar idosa. Segundo, chega uma certa idade que realmente seu corpo já passa por um processo natural de envelhecimento que na minha concepção é por volta dos 70 anos.”

(P. 53, 30 a 34 anos, residente em Fortaleza, Ceará)

“Falta de perspectiva na vida. Falta de sonhos. De interesse em viver socialmente, falta de oportunidade de convívio coletivo. Faltam políticas públicas voltadas para um envelhecimento digno e saudável principalmente nos grandes centros.”

(P. 116, 60 a 64 anos, residente no Rio de Janeiro, Capital)

“A idade especialmente para fins legais. Mas, na prática depende de como esta pessoa viveu, das oportunidades de informação e cuidados que teve e, especialmente, do acesso que teve a produtos, informação e serviços, sejam de saúde, educação, culturais e básicos, como alimentação, emprego, renda, moradia, água tratada, entre outros. Por isso temos tantas diferenças entre a população brasileira. É preciso considerar todas estas variáveis para não tornarmos a vida mais injusta ainda para certos grupos.”

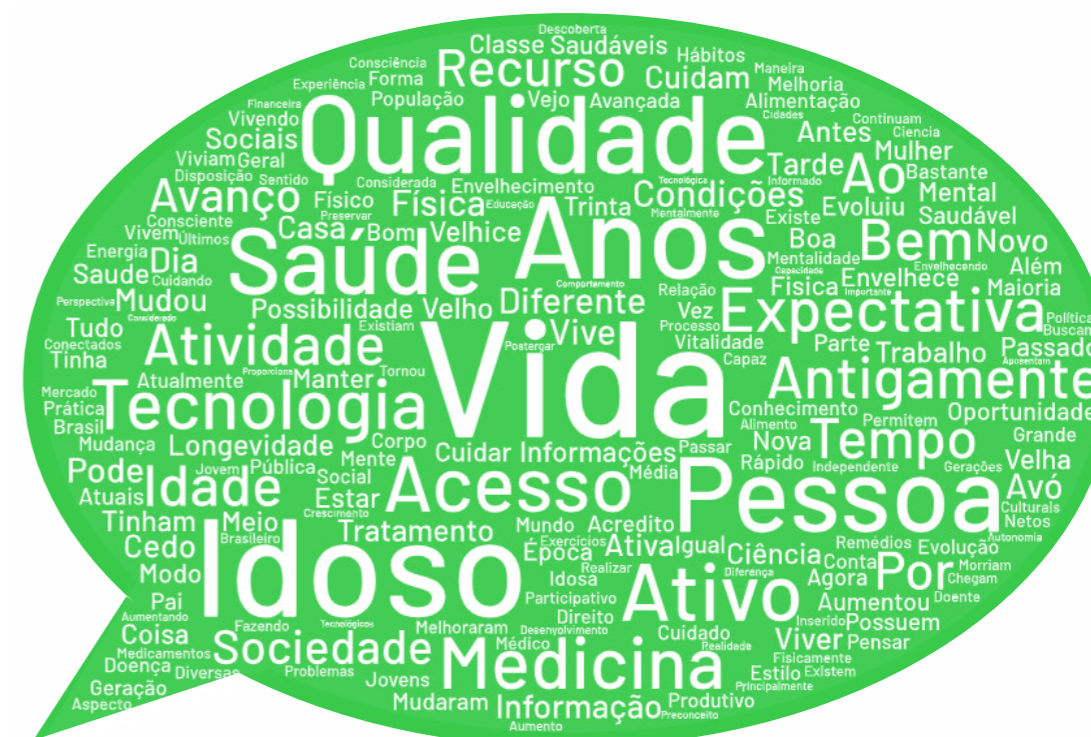
(P. 156, 60 a 64 anos, residente no Rio de Janeiro, Capital)

Os idosos de hoje no Brasil são iguais aos idosos de trinta anos atrás? Por quê?



96,7% dos visitantes do Museu do Amanhã acreditam que os idosos de hoje não são iguais aos idosos de trinta anos atrás, 1,5% acreditam que são iguais e 1,8% não sabem.

Através de uma pergunta aberta os visitantes puderam definir por que concordam ou não com a ideia de que os idosos de hoje no Brasil são iguais aos idosos de trinta anos atrás. Entre os 96,7% que não concordam, a maioria das respostas aponta que os idosos são pessoas mais ativas hoje do que eram antes, seguido da afirmação de que a melhora na qualidade de vida fez com que houvesse essa mudança e no melhor acesso a recursos voltados à saúde. Entre os que concordam que os idosos de trinta anos atrás são iguais aos de hoje, o fato de que os idosos destas gerações distintas mantiveram a mesma mentalidade e possuem as mesmas limitações foi o mais mencionado. Já entre os que não sabem, preferiram não responder a esta pergunta.



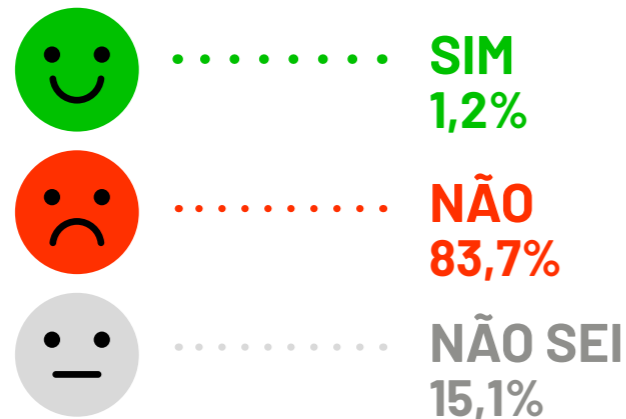
“Porque as pessoas estão mudando seus hábitos, praticando mais atividades físicas e exercitando mais a mente. Além disso, a ciência tem avançado muito, promovendo a descoberta de novos fármacos e permitindo melhor qualidade de vida diferente do que havia há 30 anos atrás.”

(P. 8, 30 a 34 anos, residente em Niterói, Rio de Janeiro)

“Porque tem a perda de vitalidade igual como era há 30 anos. São poucas pessoas com 60 anos que apresentam uma boa vitalidade.”

(P. 427, 30 a 34 anos, residente em Porto Alegre, Rio Grande do Sul)

E os idosos no Brasil daqui a trinta anos, serão iguais aos de hoje? Por quê?



83,7% dos visitantes do Museu do Amanhã acreditam que os idosos daqui a trinta anos não serão iguais aos idosos de hoje, 1,2% acreditam que serão iguais e 15,1% não sabem.

Através de uma pergunta aberta os visitantes do Museu do Amanhã puderam definir por que concordam ou não com a ideia de que os idosos no Brasil daqui a trinta anos serão iguais aos de hoje. Entre os 83,7% que não concordam, a maioria das respostas aponta que o avanço na medicina, tecnologia e ciência proporcionará esta mudança no perfil dos idosos daqui a trinta anos, seguido da melhoria na qualidade de vida e a mudança na sociedade. Entre os que concordam que os idosos daqui a trinta anos serão iguais aos de hoje, o fato de que os idosos irão enfrentar os mesmos problemas dos de hoje foi o mais mencionado. Já entre os que não sabem, mais da metade afirmou que o futuro é incerto.



“Depende. Os cenários futuros dependem do que fazemos hoje, das decisões tomadas no presente. Tudo pode piorar, se continuarmos com esta tendência ao desmatamento, de falta de cuidados com a natureza, do uso indiscriminado de tecnologias sujas, a exploração sem critérios de jazidas naturais, desperdício... Mas se houver um aumento imediato de consciência ambiental e políticas que acompanhem esta percepção, e que sejam colocadas em prática para ontem, talvez possam reverter situações negativas e recuperar o já quase irrecuperável. É preciso ações neste sentido de governos e de toda a população, como por exemplo, uso de energia limpa, mudança nos modos de exploração da natureza, maior respeito, um novo modelo de desenvolvimento econômico-social.”

(P. 156, 60 a 64 anos, residente no Rio de Janeiro, Capital)



“Justamente com o avanço da tecnologia, poderemos ter tratamentos de doenças ainda melhores e quem sabe viver com mais qualidade já que os jovens e adolescentes estão mais conscientes de sua alimentação e se preocupam com a saúde mental e física.”

(P. 282, 20 a 24 anos, residente em Brasília, Distrito Federal)

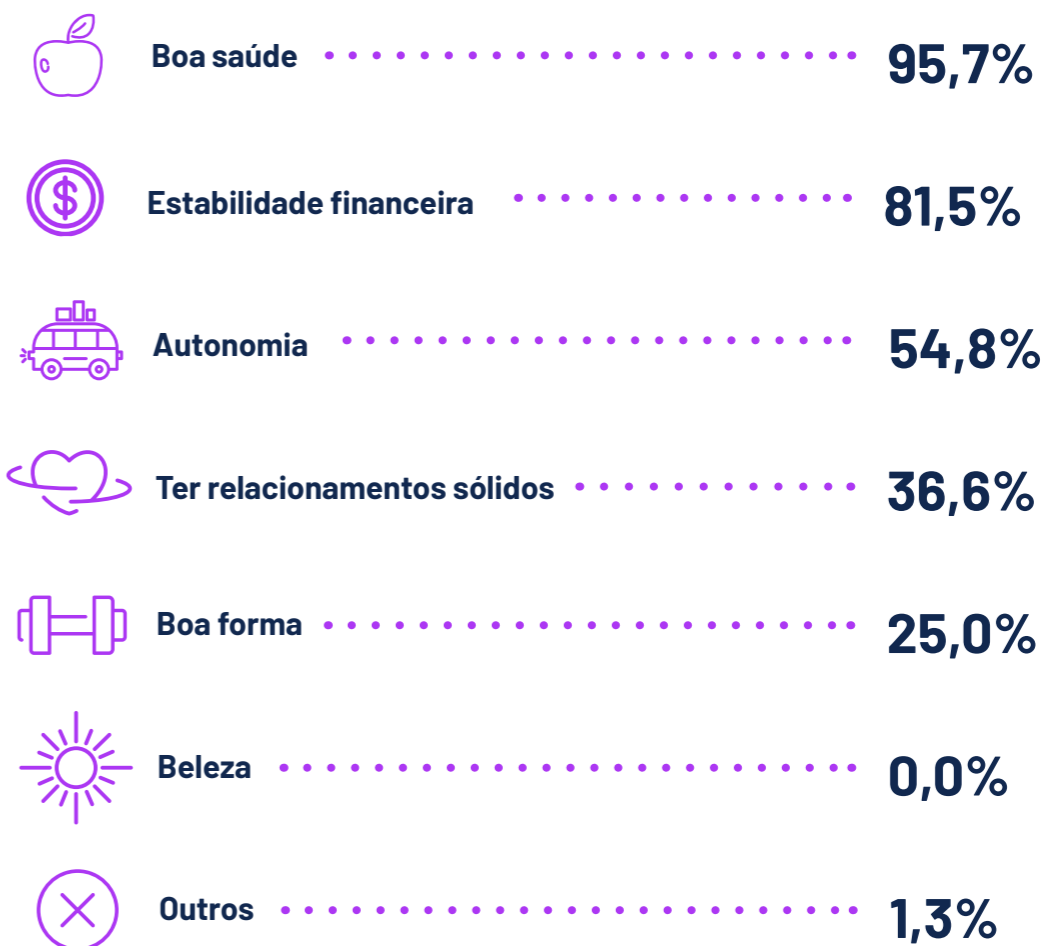
“Não sei pra que lado o país vai caminhar. Se valorizará as pessoas, na sua diversidade, se irá investir para melhorar as condições de vida da população, se investirá em educação, se cuidará do meio ambiente.”

(P. 626, 65 a 69 anos, residente em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul)

“Não vejo nenhuma ruptura do modelo atual.”

(P. 132, 45 a 49 anos, residente em Luís Eduardo Magalhães, Bahia)

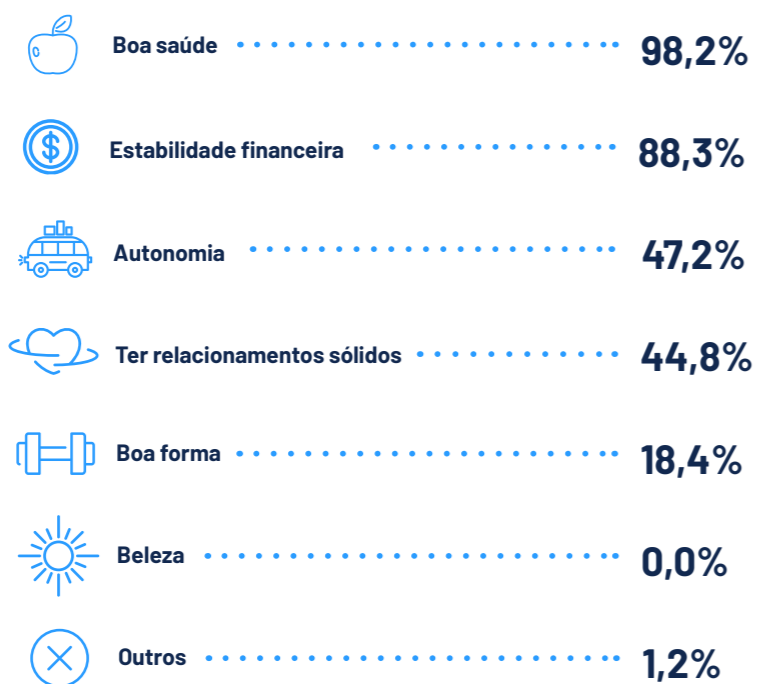
Cite três prioridades para um bom envelhecimento



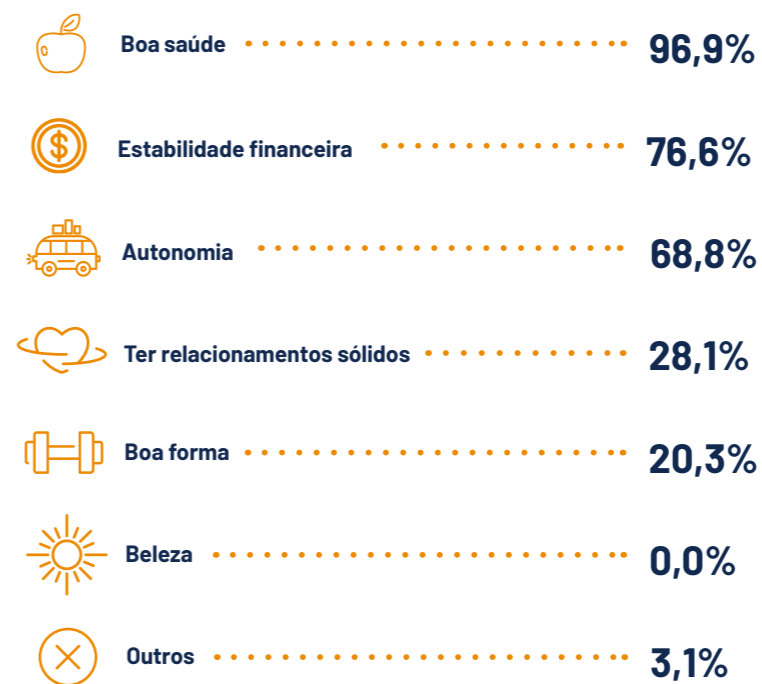
95,7% dos visitantes do Museu do Amanhã acreditam que ter uma boa saúde é prioridade para um bom envelhecimento, seguido de estabilidade financeira (81,5%), autonomia (54,8%), ter relacionamentos sólidos (36,6%), boa forma (25%) e outros (1,3%), como autoconhecimento, capacidade cognitiva e direitos socioambientais. Nenhum visitante citou a beleza como prioridade para um bom envelhecimento.

Aqui, mais uma vez percebemos uma mudança geracional. Os mais jovens, com menos de 35 anos, priorizam os relacionamentos sólidos frente aos que têm idades entre 35 e 40 anos e 40 anos ou mais.

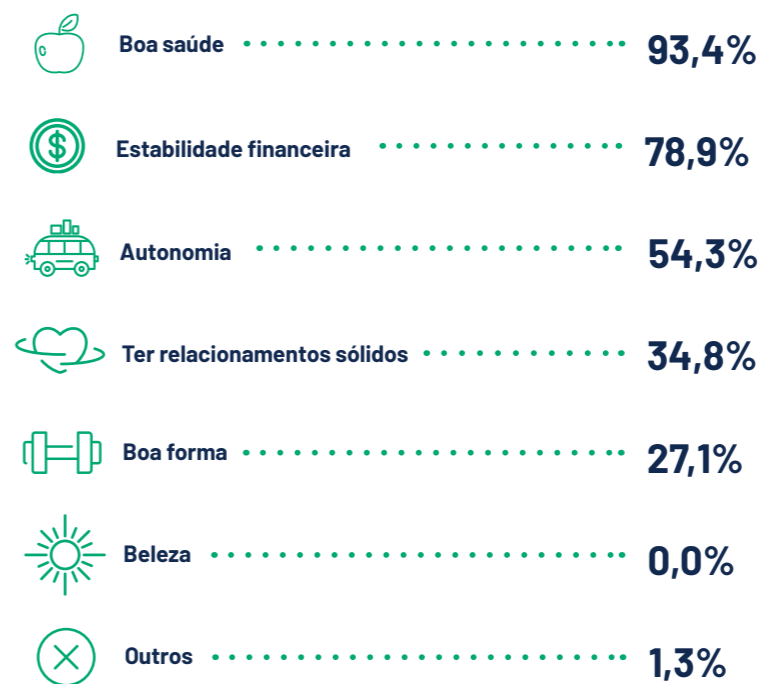
MENOS DE 35 ANOS



35 A 39 ANOS



MENOS DE 35 ANOS

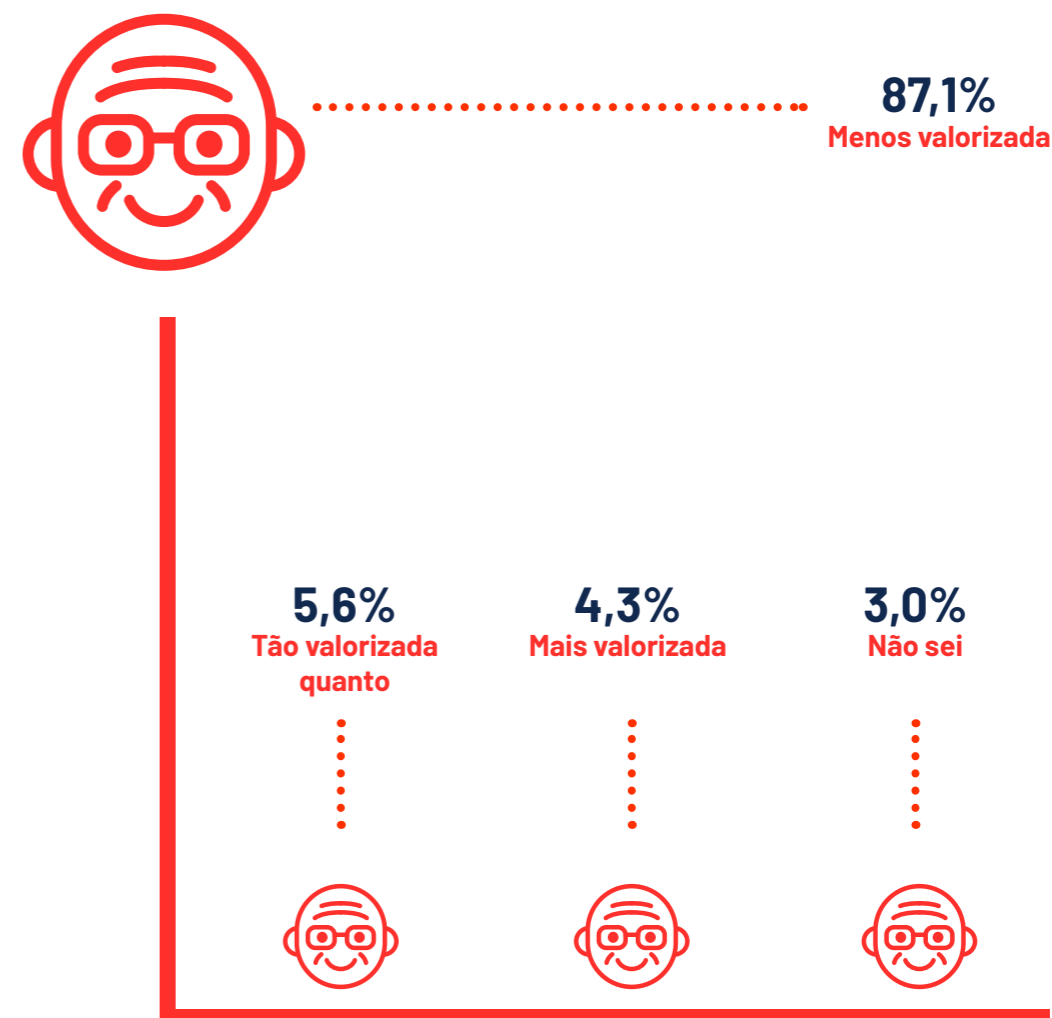


A forma como o idoso é tratado no Brasil influencia como ele vive?



A grande maioria dos visitantes do Museu do Amanhã, 90,9%, acreditam que a forma como o idoso é tratado no Brasil influencia a forma como ele vive, 5,8% acreditam que não influencia e 3,3% não sabem se existe esta relação.

Como uma pessoa idosa é tratada no Brasil?



Para 87,1% dos visitantes do Museu do Amanhã, os idosos são menos valorizados do que o restante da população brasileira. 5,6% acreditam que eles são tão valorizados quanto os demais, 4,3% que eles são mais valorizados e 3% não sabem.



“Atualmente os idosos são mais respeitados, em especial pela proteção que a sociedade fornece por intermédio de Leis. Um idoso, atualmente, tem condições de voltar a estudar sem sofrer nenhum constrangimento, de frequentar escolas, de namorar em liberdade, sem se sentir ridicularizado pela sociedade. Talvez, há 30 anos atrás, isso não aconteceria.”

(P. 53, 30 a 34 anos, residente em Fortaleza, Ceará)

“Isso depende da educação de cada um. As pessoas não podem ser generalizadas, bem como uma sociedade, embora um comportamento seja predominante. Vejo jovens que tratam idosos com total desrespeito, enquanto eu trato com o mais profundo respeito. Então não posso generalizar. Educação é individual.”

(P. 661, 40 a 44 anos, residente em Goiânia, Goiás)

A convivência do(a) idoso(a) com pessoas de outras idades é bom para ele(a)?



SIM
98,7%



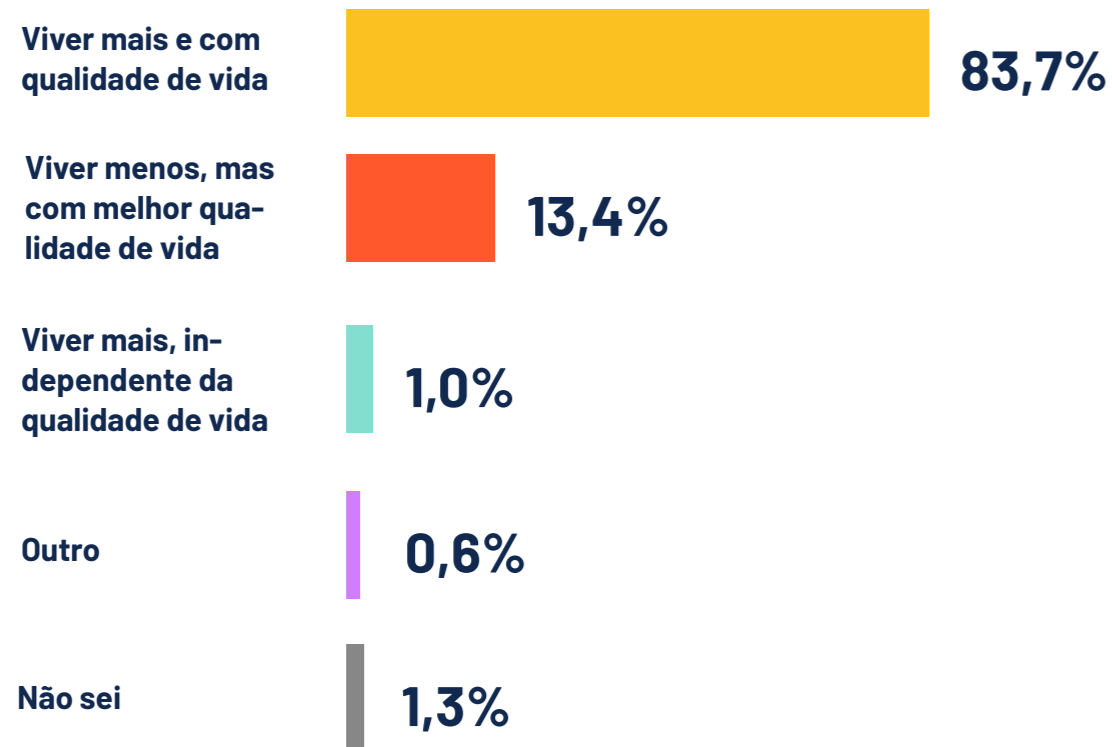
NÃO
0,6%



NÃO SEI
0,7%

A grande maioria dos visitantes, 98,7%, acreditam que a convivência de idosos com pessoas de outras idades é boa para eles, 0,6% acham que não e 0,7% não sabem.

Como você prefere vivenciar o seu processo de envelhecimento?



83,7% dos visitantes preferem viver mais e com qualidade de vida, 13,4% preferem viver menos mas com melhor qualidade de vida, 1% preferiria viver mais independente da qualidade de vida, 1,3% não sabem e 0,6% outros, como viver o tempo que puder.

Quando separamos as respostas de acordo com a idade dos visitantes, vemos que para quem tem menos de 40 anos, principalmente entre os que possuem 35 a 39 anos, viver menos mas com melhor qualidade de vida vale mais para eles do que para quem tem mais de 40 anos de idade.

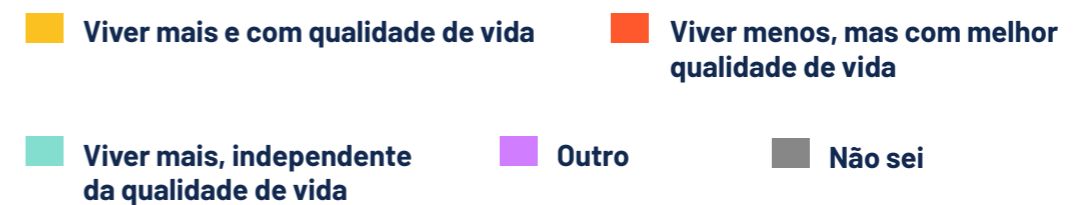
MENOS DE 35 ANOS



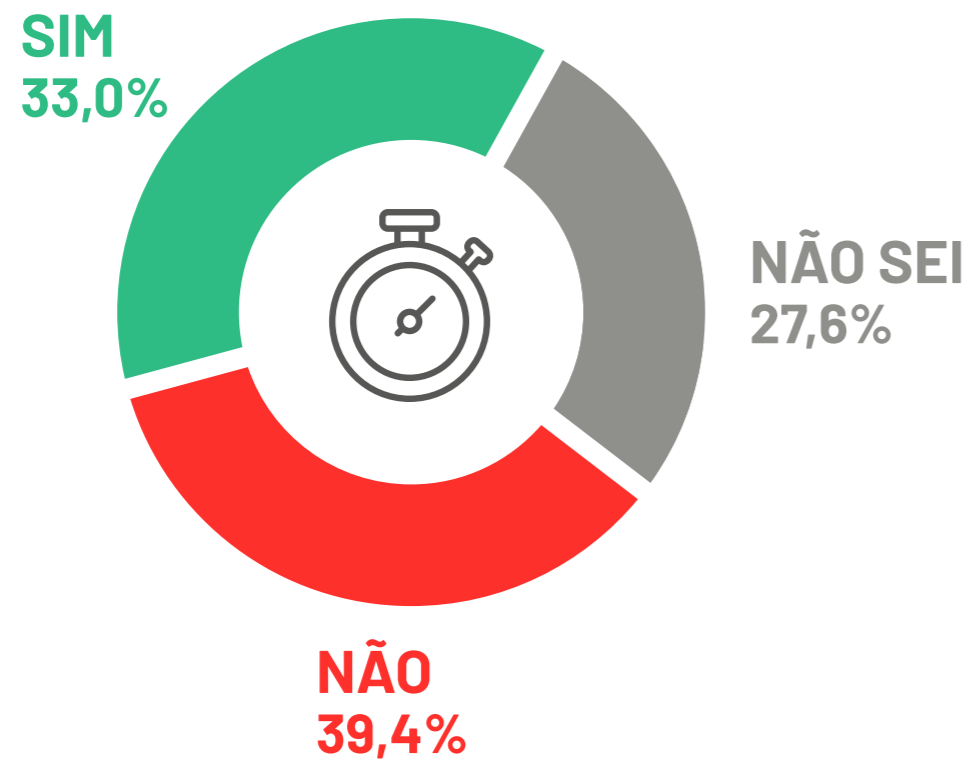
35 A 39 ANOS



40 ANOS OU MAIS



Nas próximas décadas existirá um limite para o tempo de vida?



39,4% dos visitantes acreditam que não haverá um limite para o tempo de vida das pessoas nas próximas décadas, enquanto 33% acreditam que existirá este limite. 27,6% não souberam opinar.

MENOS DE 35 ANOS



35 A 39 ANOS



60 ANOS OU MAIS



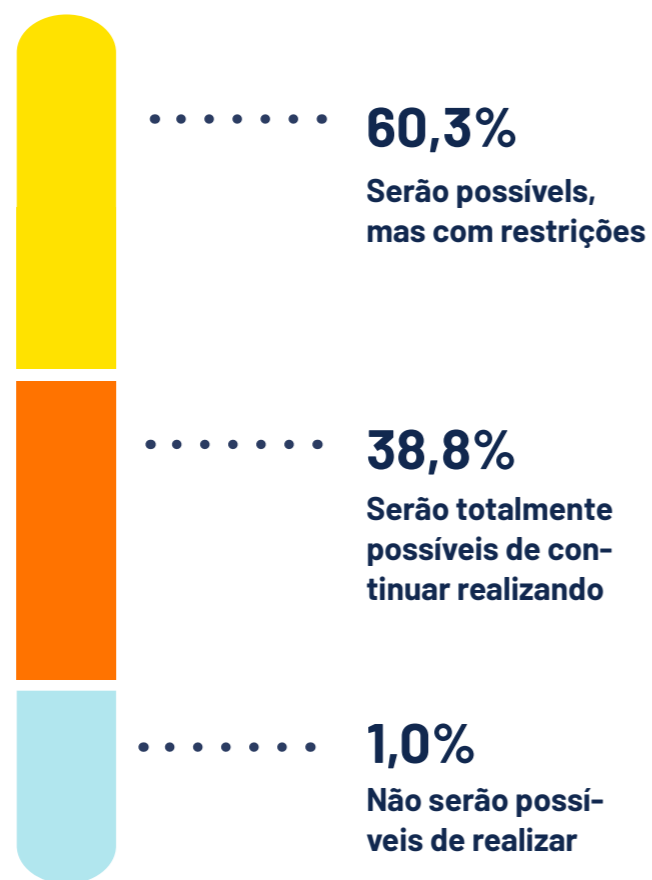
■ Não ■ Sim ■ Não sei

Quando separamos as respostas pelos grupos de idade, vemos que a incerteza de como será o envelhecimento nas próximas décadas é maior entre os que possuem 60 anos ou mais em relação aos demais grupos, entre os mais jovens com menos de 35 anos as opiniões foram bastante divididas, entre os que acreditam que haverá ou não um limite de vida para os seres humanos. Já entre os que possuem entre 35 e 59 anos, é maior a parcela que acredita que não haverá este limite para a vida nas próximas décadas.

Como você enxerga o processo de envelhecimento?

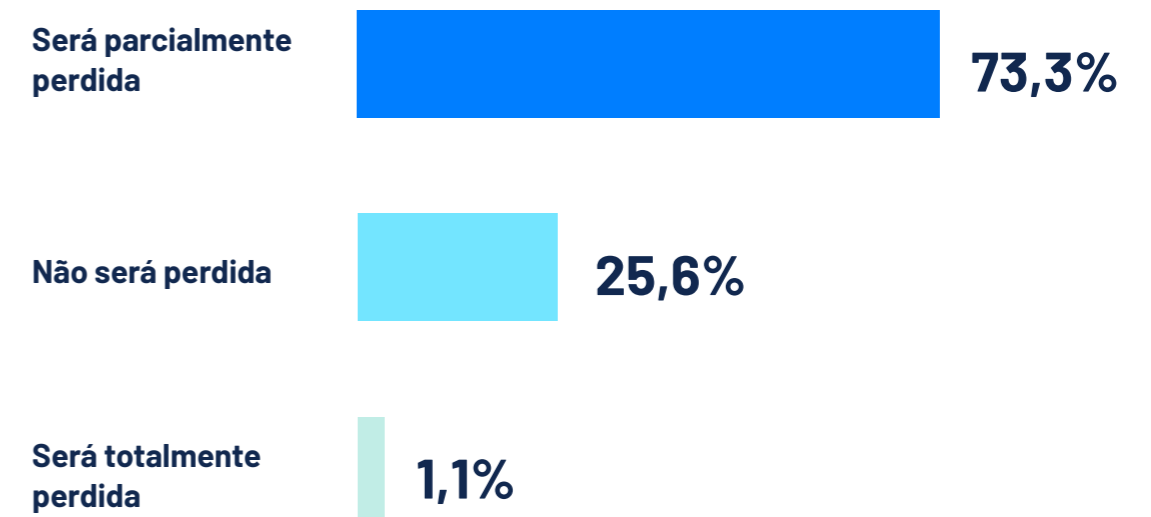
O público do Museu do Amanhã pôde apontar como acredita que se dará o processo de envelhecimento nos seguintes âmbitos: atividades como trabalho, estudo e lazer; a autonomia do que poderão fazer sozinhos; o volume de atividades que conseguirão participar; qualidade de vida; como viverão; como será envelhecer; como será a vitalidade e o pique; os relacionamentos com as pessoas; além do que sentem quando pensam sobre envelhecer. Em todas as situações, o público acredita que o seu processo de envelhecimento se dará com algumas restrições.

Atividades como trabalho, estudo e lazer



60,3% dos visitantes acreditam que atividades como trabalho, estudo e lazer serão possíveis de realizar, mas com restrições. 38,8% dizem que estas atividades serão totalmente possíveis de continuar realizando e 1% acha que não serão possíveis de serem realizadas. Essa percepção se repete em todos os grupos de idade.

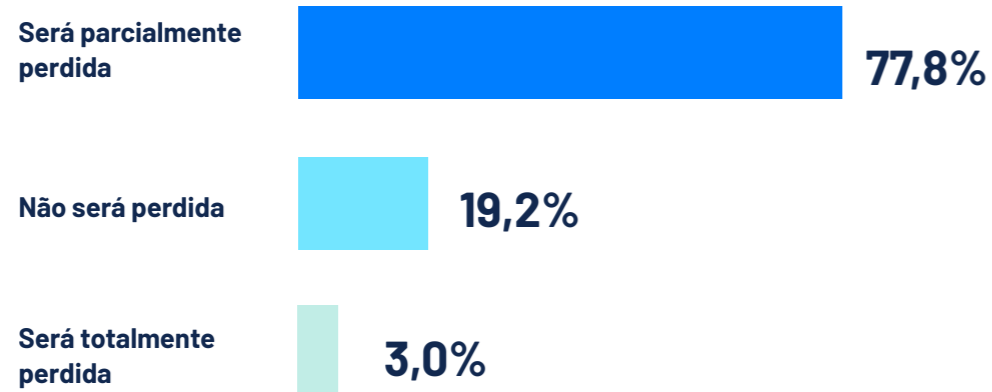
Autonomia do que poderá fazer sozinho(a)



73,3% dos visitantes acreditam que a sua autonomia do que poderá fazer sozinho será parcialmente perdida. 25,6% dizem que sua autonomia não será perdida e 1,1% acham que será totalmente perdida.

Quando separamos por grupos de idade, os visitantes com menos de 40 anos têm maior parcela entre os que acreditam que perderão totalmente a autonomia comparado com os que possuem 40 anos ou mais.

MENOS DE 40 ANOS



Volume de atividades que conseguirá participar

Irá reduzir em parte



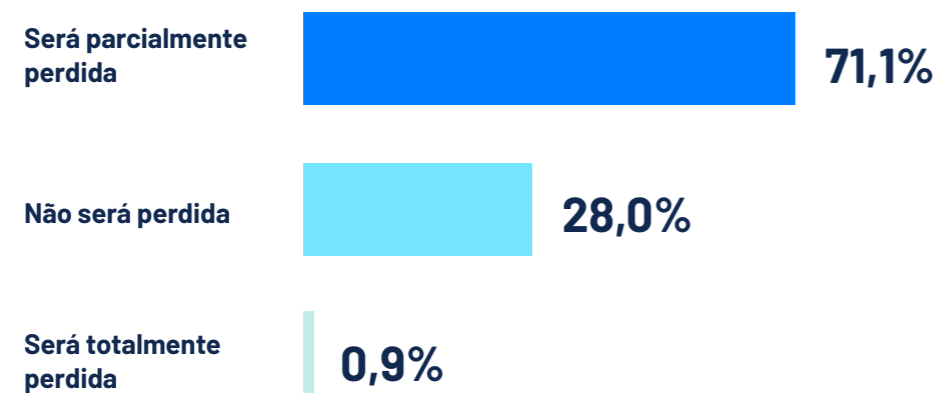
Não haverá mudança



Diminuirá totalmente

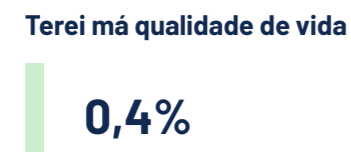
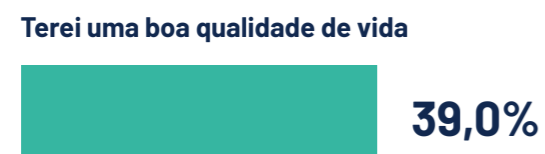
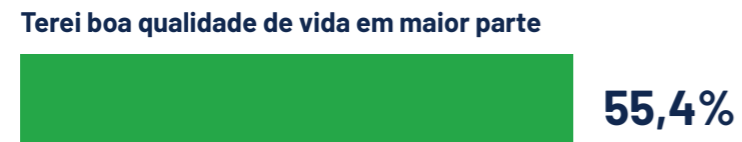


MENOS DE 40 ANOS



88,7% dos visitantes acreditam que o volume de atividades que conseguirão participar irá reduzir em parte. 7,5% dizem que não haverá mudança e 3,8% acham que diminuirá totalmente. Esta percepção se repete em todos os grupos de idade.

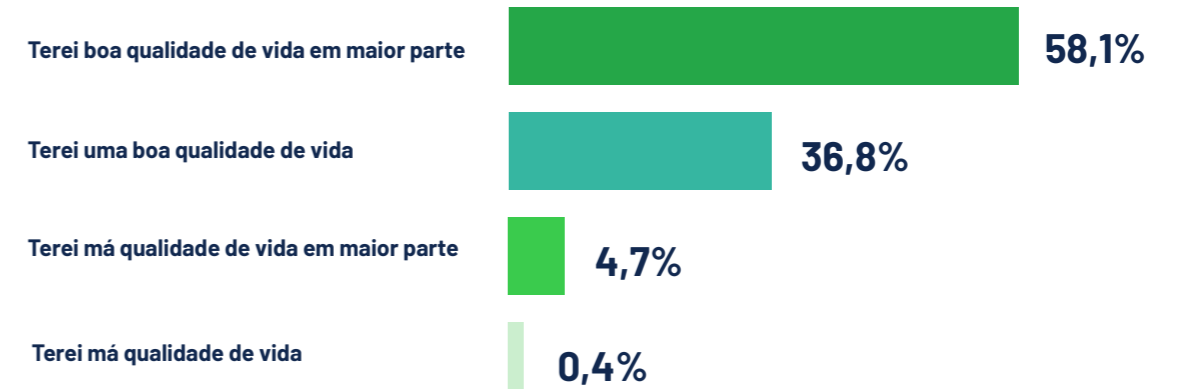
Qualidade de vida nos anos que virão



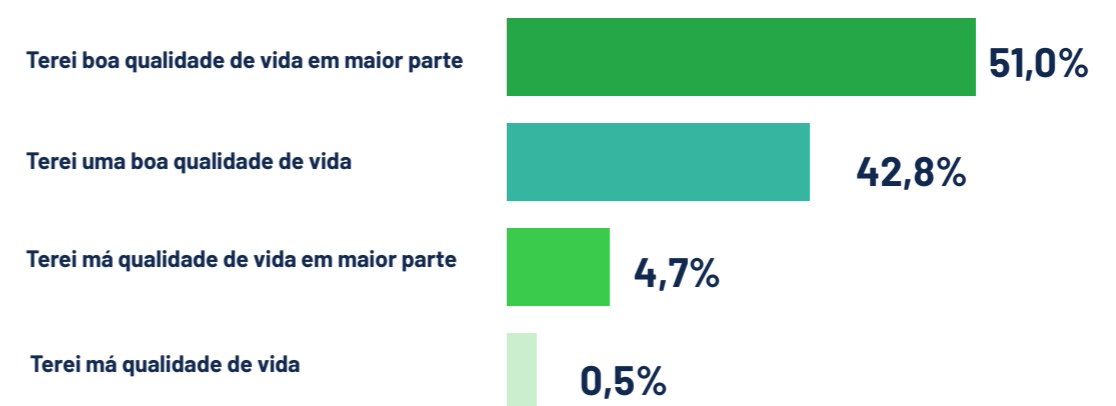
55,4% dos visitantes acreditam que terão boa qualidade de vida em maior parte nos anos que virão. 39% dizem que terão boa qualidade de vida, 5,2% que terão má qualidade de vida em maior parte e 0,4% acham que terão má qualidade de vida.

As percepções dos grupos mais jovens com idades até 40 anos e dos grupos mais velhos com 60 anos ou mais são bastante similares, com uma maior diferença no grupo de idades entre 40 e 59 anos.

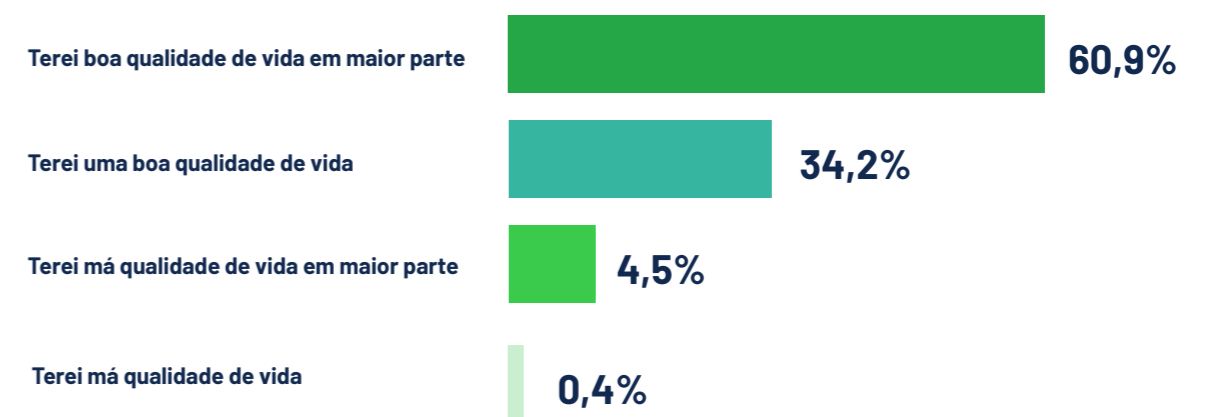
MENOS DE 40 ANOS



40 A 59 ANOS



60 ANOS OU MAIS



Conforme envelhece

Viverei com algumas restrições



Conseguirei continuar vivendo minha vida plenamente



Não conseguirei continuar vivendo minha vida plenamente



62,6% dos visitantes acreditam que viverão com algumas restrições conforme envelhecerem. 35,6% dizem que conseguirão continuar vivendo suas vidas plenamente e 1,8% acham que não conseguirão continuar vivendo suas vidas plenamente.

Ao separarmos as respostas pelos grupos de idade, a percepção dos grupos com idades até 60 anos se diferencia da dos grupos mais velhos com 60 anos ou mais em relação à qualidade de vida. Os mais novos (menos de 60 anos) acreditam mais que viverão com plena qualidade de vida, do que os mais velhos (60 anos ou mais).

MENOS DE 60 ANOS

Viverei com algumas restrições



Conseguirei continuar vivendo minha vida plenamente



Não conseguirei continuar vivendo minha vida plenamente



60 ANOS OU MAIS

Viverei com algumas restrições



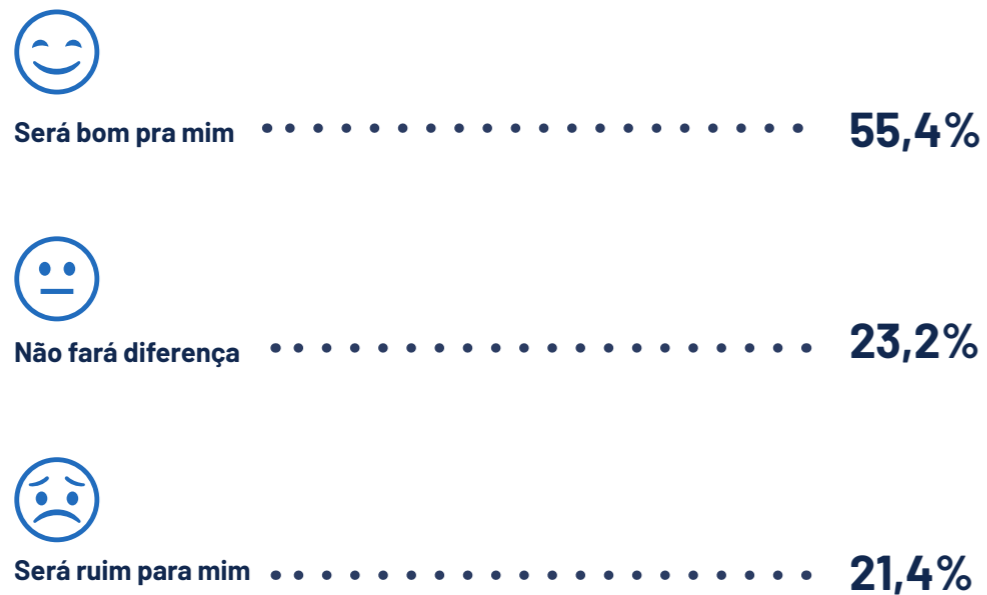
Conseguirei continuar vivendo minha vida plenamente



Não conseguirei continuar vivendo minha vida plenamente



Envelhecer



55,4% dos visitantes acreditam que envelhecer será bom para eles. 23,2% dizem que envelhecer não fará diferença e 21,4% acham que envelhecer será ruim.

Mais uma vez a percepção dos grupos com idades até 60 anos se diferencia da dos grupos mais velhos, com 60 anos ou mais, onde os mais novos acreditam mais que envelhecer será bom para eles do que os mais velhos, que acreditam mais que envelhecer não fará diferença.

MENOS DE 60 ANOS



60 ANOS OU MAIS



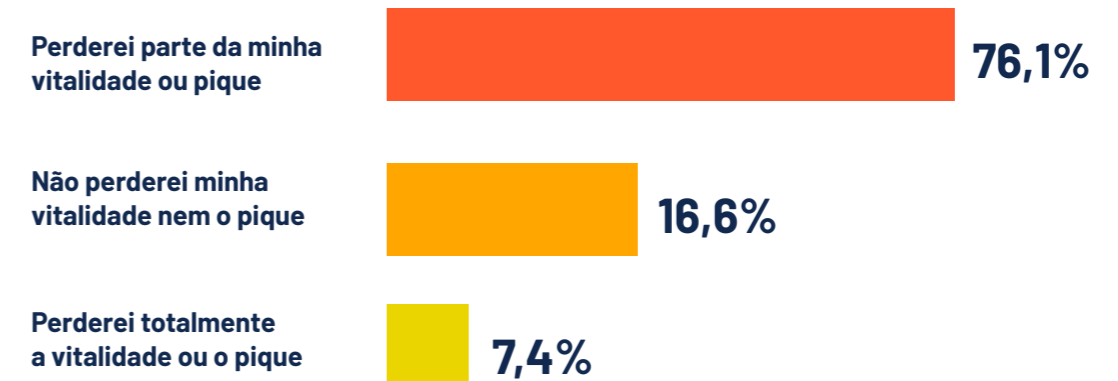
À medida que envelhece



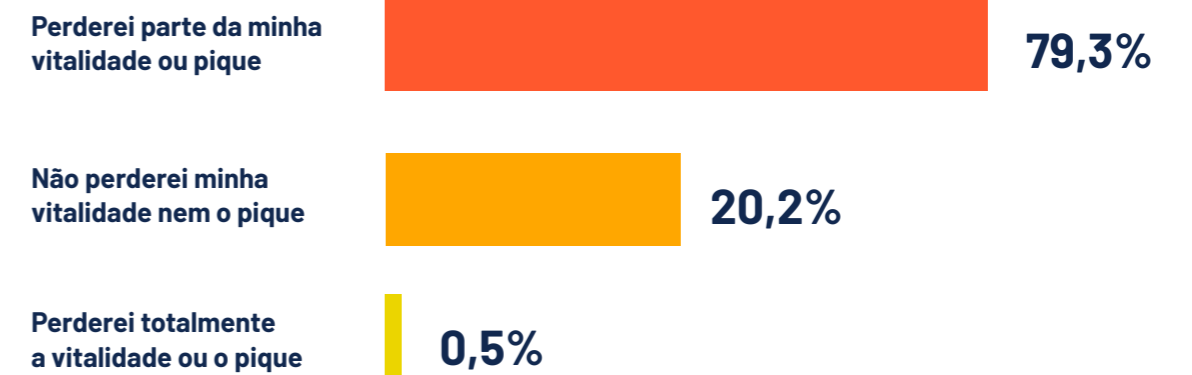
79,3% dos visitantes acreditam que perderão parte da vitalidade ou pique conforme envelhecem. 18,2% dizem que não perderão a vitalidade nem o pique e 2,4% acham que perderão totalmente a vitalidade ou o pique.

As percepções dos grupos mais jovens com idades até 35 anos e dos grupos mais velhos com 60 anos ou mais são bastante similares quanto ao otimismo em acreditar que não irão perder nem a vitalidade nem o pique, com uma maior diferença no grupo de idades entre 40 e 59 anos. Cabe ressaltar que entre os mais novos, a percepção de que perderão totalmente a vitalidade e o pique é superior do que nos demais grupos.

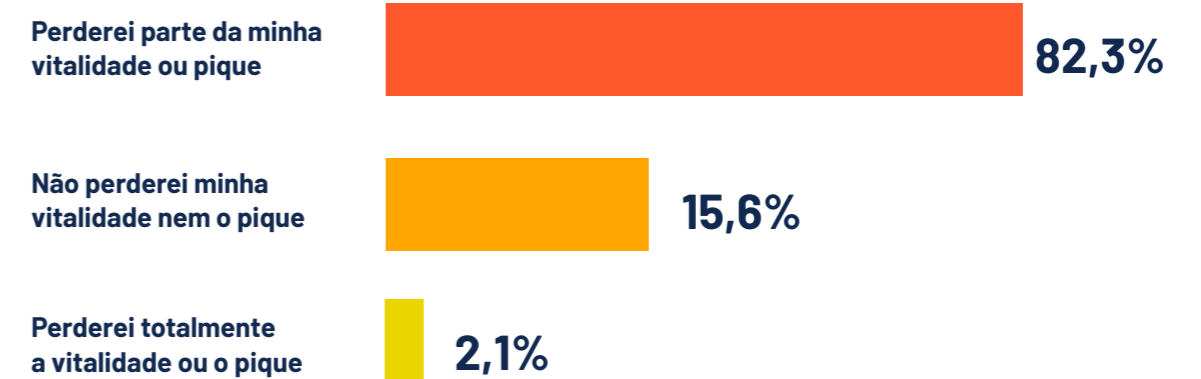
MENOS DE 35 ANOS



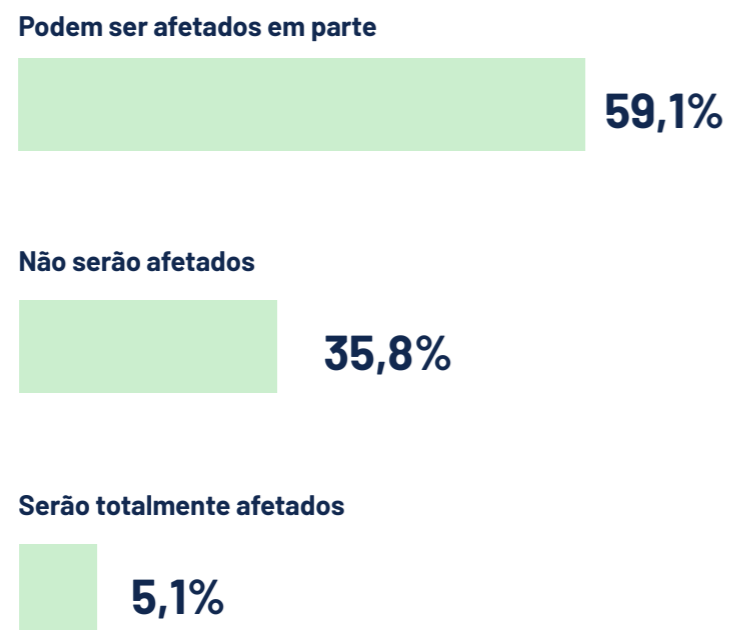
40 A 59 ANOS



60 ANOS OU MAIS



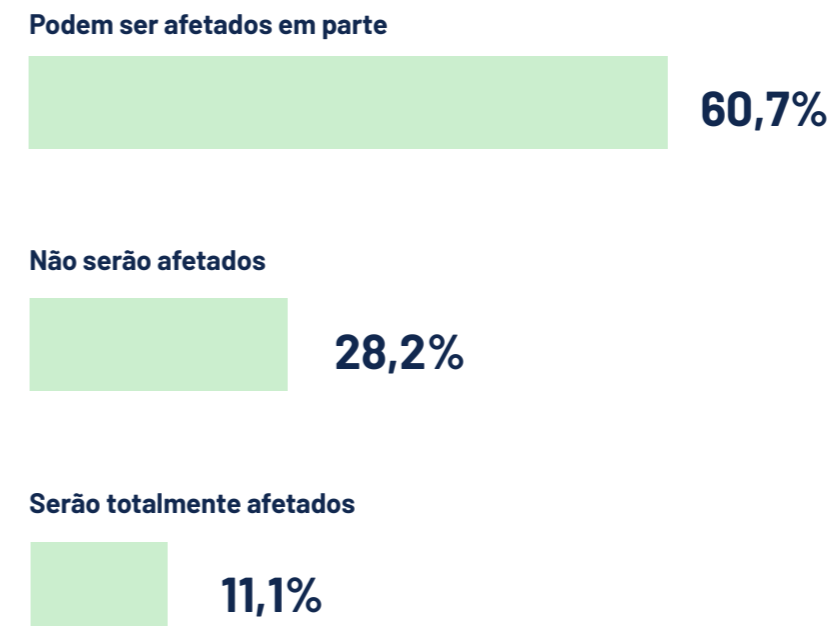
Relacionamentos com as pessoas



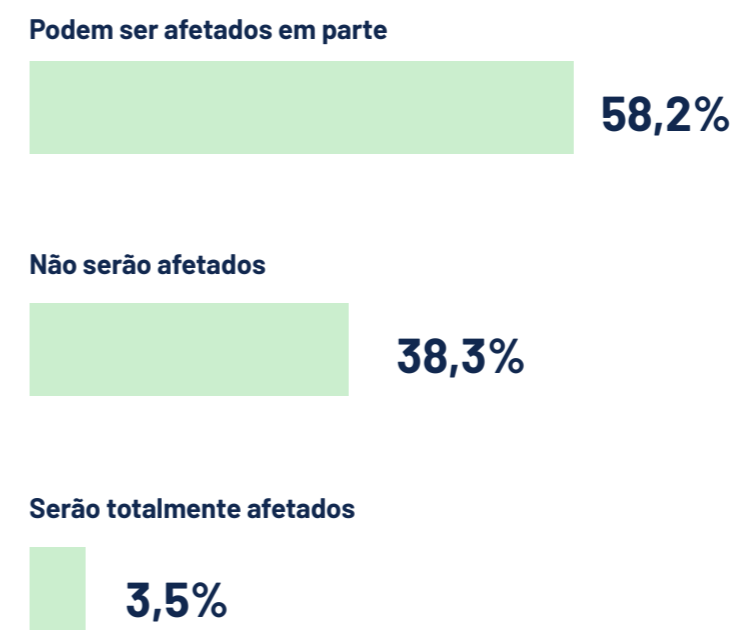
59,1% dos visitantes acreditam que seus relacionamentos com as pessoas podem ser afetados em parte conforme envelhecem. 35,8% dizem que seus relacionamentos não serão afetados e 5,1% acham que serão totalmente afetados.

A percepção dos grupos mais jovens com idades até 40 anos se diferencia da dos grupos com mais de 40 anos, onde uma maior parcela entre os mais novos acredita mais que seus relacionamentos com as pessoas serão totalmente afetados do que entre os mais velhos.

MENOS DE 40 ANOS



40 ANOS OU MAIS



Quando pensa sobre envelhecer



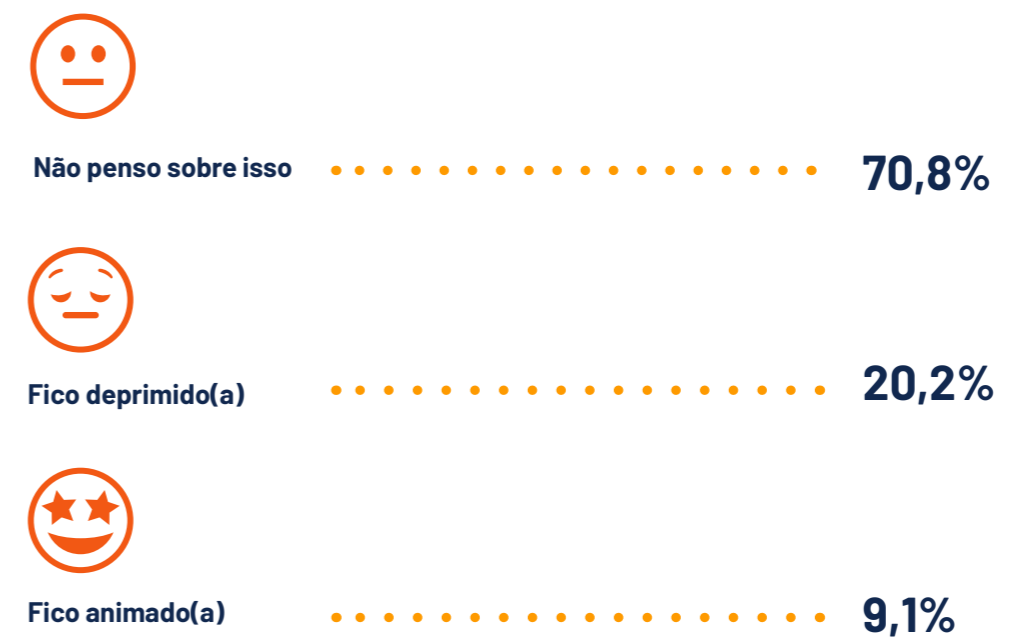
61,4% dos visitantes afirmam não pensar sobre envelhecer e quais os efeitos que pode ter em suas vidas. 26,1% dizem que ficam deprimidos e 12,5% que ficam animados quando pensam sobre envelhecer.

A percepção dos grupos com idades até 60 anos se diferencia da dos grupos com 60 anos ou mais, onde a parcela dos que ficam animados e dos que ficam deprimidos quando pensam em envelhecer é maior entre os mais novos do que entre os mais velhos, que possui maior parcela entre os que afirmam não pensar sobre envelhecer.

MENOS DE 60 ANOS



60 ANOS OU MAIS



Perguntas feitas somente para quem possui 60 anos ou mais

Três perguntas foram feitas somente para os visitantes do Museu do Amanhã que possuem 60 anos ou mais: como se sentem entre idoso, maduro e velho e se eles se sentem velhos e por quê. Os resultados estão a seguir.

Entre as opções a seguir, como você se sente?

Idoso(a), onde se sente hoje com algumas limitações mas ainda consegue viver com bem-estar



Maduro(a), onde se sente hoje melhor do que quando era mais jovem

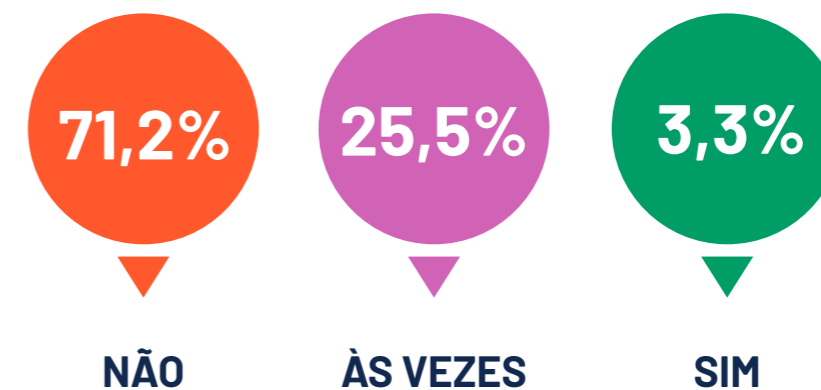


Velho(a), onde se sente limitado do que pode fazer comparado a como era antes



50,6% dos visitantes do Museu do Amanhã com 60 anos ou mais se sentem idosos, se sentindo hoje com algumas limitações mas ainda conseguem viver com bem-estar, 49% dizem que se sentem maduros, se sentindo hoje melhor do que quando eram mais jovens e 0,4% se sentem velhos, se sentindo limitados do que podem fazer comparado a como era antes.

Você se sente velho?



71,2% do público do Museu do Amanhã com 60 anos ou mais não se sentem velhos, 25,5% se sentem velhos às vezes e 3,3% se sentem velhos.

Através de uma pergunta aberta eles puderam descrever por que se sentem velhos ou não. Entre os que responderam que não se sentem velhos, a maioria, 42,2%, disse que ainda estão ativos, 12,1% que têm saúde e 11,6% que se sentem capazes, 8,7% se sentem bem e 4% defenderam que ser idoso é diferente de ser velho. Entre os que responderam que às vezes se sentem velhos, 41,9% ou a maioria afirmou que às vezes o corpo não corresponde e 4,8% que se sentem velhos quando se sentem sem paciência. Já entre os 8 visitantes do Museu do Amanhã que são idosos e responderam que se sentem velhos, a maioria definiu que as limitações do corpo são o principal motivo.



Contribuíram com esta pesquisa moradores de 170 municípios, em 24 estados mais o Distrito Federal

Alagoas

Maceió

Amapá

Macapá

Amazonas

Manaus

Bahia

Barreiras

Guanambi

Juazeiro

Lauro de Freitas

Luis Eduardo Magalhães

Salvador

Vitória da Conquista

Ceará

Aquiraz

Caucaia

Fortaleza

Juazeiro do Norte

Sobral

Distrito Federal

Brasília

Espírito Santo

Castelo

Guarapari

Serra

Vila Velha

Vitória

Goiás

Goiânia

Goianira

São Luís de Montes Belos

Uruaçu

Maranhão

São Luís

São Raimundo das Mangabeiras

Mato Grosso

Cuiabá

Mato Grosso do Sul

Campo Grande

Naviraí

Ponta Porã

Três Lagoas

Minas Gerais

Alfenas

Belo Horizonte

Betim

Caxambu

Contagem

Divinópolis

Juiz de fora

Lagoa Santa

Laranjal

Leopoldina

Montes Claros

Nova Lima

Ouro Preto

Poços de Caldas

Pouso Alegre

Rio Pomba

Santana do Riacho

São Lourenço

São Sebastião do Paraíso

Taiobeiras

Uberlândia

Varginha

Viçosa

Pará

Belém

Santana do Araguaia

Paraíba

João Pessoa

Paraná

Campo Largo

Coronel Vivida

Curitiba

Maringá

Pernambuco

Camaraçibe

Caruaru

Olinda

Recife

Piauí

Teresina

Rio de Janeiro

Angra dos Reis

Armação dos Búzios

Barra do Pirai

Belford Roxo

Campos dos Goytacazes

Duque de Caxias

Itaboraí

Itaperuna

Japeri

Magé

Mangaratiba

Maricá

Mendes

Mesquita

Nilópolis

Niterói

Nova Friburgo

| | | |
|----------------------------|-----------------------|-----------------------|
| Nova Iguaçu | Boa vista | Osasco |
| Petrópolis | Santa Catarina | Piracicaba |
| Piraí | Balneário Camboriú | Praia Grande |
| Queimados | Brusque | Ribeirão Preto |
| Resende | Concórdia | Rio Claro |
| Rio das ostras | Florianópolis | São Paulo |
| Rio de Janeiro | Itajaí | Santo André |
| São Gonçalo | Mafra | São Bernardo do Campo |
| São João de Meriti | Palhoça | São Caetano do Sul |
| São Pedro da Aldeia | Penha | São João da Boa Vista |
| Saquarema | São Paulo | São José dos Campos |
| Seropédica | Álvares Machado | São Paulo |
| Teresópolis | Americana | São Vicente |
| Vassouras | Amparo | Sorocaba |
| Rio Grande do Norte | Araçatuba | Taboão da Serra |
| Acari | Araraquara | Taubaté |
| Caicó | Atibaia | Cerquilha |
| Natal | Batatais | Ubatuba |
| Rio Grande do Sul | Botucatu | Valinhos |
| Campestre da Serra | Campinas | Vinhedo |
| Canoas | Cunha | Sergipe |
| Caxias do Sul | Embu das artes | Aracaju |
| Esteio | Franca | Tocantins |
| Gravataí | Guarulhos | Gurupi |
| Novo Hamburgo | Itapetininga | Palmas |
| Passo Fundo | Jacareí | |
| Pinheiro Machado | Jundiaí | |
| Porto Alegre | Limeira | |
| Rio Pardo | Lorena | |
| Santa Cruz do Sul | Louveira | |
| Sant'ana do Livramento | Mairinque | |
| São Leopoldo | Mairiporã | |
| Sapiranga | Mogi das Cruzes | |
| Roraima | Monte Alto | |

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO E GESTÃO MUSEU DO AMANHÃ

Diretor Presidente do IDG: Ricardo Piquet
Diretora do Museu do Amanhã: Bruna Baffa
Diretora de Governança e Gestão: Simone Rovigati
Diretora de Negócios e Parcerias: Julianna Guimarães
Assessoria Executiva: Luciana De Lamare
Administrativo e Financeiro: Ana Paula Maia
Compliance: Márcia Carneiro
Comunicação: Joana Pires
Consultoria de Exposições: Marina Piquet
Departamento Pessoal: Uanes Teles
Desenvolvimento Científico e Observatório do Amanhã:
Davi Bonela
Desenvolvimento de Público e Programação:
Maria Eduarda Mafra
Desenvolvimento Internacional: Maria Helena Gonçalves
Educação: Camila Oliveira
Expografia: Izabelle Araújo
Jurídico: Bruna Martins
Laboratório de Atividades do Amanhã: Yuri Amorim
Operações e Tecnologia: Jorge Varella
Orçamento e Custos: Alexandra Taboni Massa
Patrocínios e Comercial: Daniel Bruch
Patrocínios e Relacionamento: Andrea Lombardi
Pessoas e Cultura Organizacional: Patrícia Horta
Planejamento, Performance e Processos: Nicole Sieiro
Produção de Eventos: Marina Amaral
Relações Comunitárias e Territórios: Luis Araújo
Suprimentos: Josias Mendes

PESQUISA AMANHÃ DO BRASIL AUTORES

Hugo Aguilaniu
Comitê Científico e de Saberes do Museu do Amanhã

Davi Bonela
Gerente de Desenvolvimento Científico e do Observatório do Museu do Amanhã

Tais Lima
Analista de Pesquisa de Público do Museu do Amanhã

GERÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO DO MUSEU DO AMANHÃ

Davi Bonela
Gerente de Desenvolvimento Científico

Felipe Floriano
Analista de Desenvolvimento Científico

Grazielle Giacomo
Analista de Desenvolvimento Científico

Tais Lima
Analista de Pesquisa de Público

Tatiana Paz
Analista de Desenvolvimento Científico

DESIGN
Inajah Cesar (estúdio quitanda)

REVIEW
Beliza Coelho

AGRADECEMOS AOS PARCEIROS DO MUSEU DO AMANHÃ



PATROCINADOR MÁSTER



CONCEPÇÃO



REALIZAÇÃO



MANTENEDORES






PATROCINADORES






PARCEIRO ESTRATÉGICO



COPATROCINADORES




APOIADORES











PATROCINADORES LEI DE INCENTIVO MUNICIPAL






PATROCINADORES LEI DE INCENTIVO ESTADUAL




PARCEIROS DE PROJETOS ESPECIAIS




PARCEIROS DE MÍDIA





GESTÃO



REALIZAÇÃO







ISBN: 978-65-87551-09-8



9 786587 551098

The block contains the ISBN number, a barcode, and the publisher's logo 'CRL'.



Museu do **Amanhã**